



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS- FAJS
CURSO: RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

GUILHERME SAMPAIO BARBEDO

**RELAÇÕES ÍNDIA-PAQUISTÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
INDEPENDÊNCIA SOB O PRISMA DA SEGURANÇA REGIONAL**

BRASÍLIA – DF

2017

GUILHERME SAMPAIO BARBEDO

**RELAÇÕES ÍNDIA-PAQUISTÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
INDEPENDÊNCIA SOB O PRISMA DA SEGURANÇA REGIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Relações
Internacionais do UniCEUB, como requisito
parcial para obtenção do grau de Bacharel
Relações Internacionais

Orientador: Prof Claudio Tadeu

BRASÍLIA – DF

2017

GUILHERME SAMPAIO BARBEDO

**RELAÇÕES ÍNDIA-PAQUISTÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
INDEPENDÊNCIA SOB O PRISMA DA SEGURANÇA REGIONAL**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília
(UniCEUB/FAJS) como pré-requisito
para a obtenção de Certificado de
Conclusão de Curso de graduação Lato
Sensu, na área de Relações
Internacionais.

BRASÍLIA, ____ de _____ de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Claudio Tadeu

Prof. Avaliador

Prof. Examinador

RESUMO

Para entender as relações Índia-Paquistão e qual sua influência na segurança regional, é necessária uma imersão no contexto histórico antes da chegada dos europeus. Após esse processo, a introdução ao imperialismo é essencial para o entendimento da relação entre a colônia indiana e o império britânico. A participação na primeira e segunda guerra foram a égide da independência que foi alcançada após muita luta e teve como consequência uma tragédia de proporções históricas devido a maneira pela qual a partilha foi feita. O conflito da Caxemira foi um marco da rivalidade criada pela independência e é um grande risco na atualidade. As reações de Índia e Paquistão durante a Guerra Fria demonstram como essa rivalidade foi desenvolvendo-se e a assinatura não do Tratado de Não-Proliferação é mais um exemplo disso. Para que esses fatos sejam analisados, foi utilizado a ótica pós-colonial, para uma análise da independência e consequentemente das heranças deixadas pelo colonialismo e a ótica realista para o entendimento de como se deu o comportamento de ambas as nações diante do sistema internacional e de seus acontecimentos. É interessante pensar nesses aspectos e análises para entender como essa relação está hodiernamente e suas perspectivas futuras.

Palavras-chave: Índia, Paquistão, segurança, pós-colonial, realista

ABSTRACT

To understand the India-Pakistan relationships and what it influence on the regional security, first it is necessary to be immersed in the historical context before the arrival of the Europeans. After this process, an introduction to imperialism is essential for understanding the relationship between the Indian colony and the British empire. The participation in the first and second war was the main support for the conquer of the independence that happened after a great struggle and resulted in a tragedy of historical proportions due to a manner in which it was done. The Kashmir conflict was a landmark of the rivalry created by the independence and it's a great risk nowadays. The reactions from India and Pakistan during the cold war demonstrate how this rivalry was developed and the non-signature of the Non-Proliferation Treaty is another example of this. For these facts to be analyzed, a postcolonial optic was used, for an analysis of the independence and consequently of the heritages left by the colonialism and the optic realism for the understanding of how the behavior of both nations on the international system and it's events. It is interesting to think of these events and analyzes to understand how this relationship is nowadays and it's future prospects.

Keywords: India, Pakistan, security, relations, postcolonial, realism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL.....	10
1.1 O Realismo e o equilíbrio de poder.....	10
1.2 A escola pós-colonial e o eurocentrismo.....	16
1.3 O funcionalismo e a ansiedade.....	20
2 CONTEXTO HISTÓRICO.....	23
2.1 Imperialismo Britânico	23
2.2 A Índia e o Império Britânico.....	25
2.3 Mahatma Gandhi e a luta pela independência.....	30
2.4 O Conflito da Caxemira e as suas peculiaridades.....	34
2.5 As reações de Índia-Paquistão durante a Guerra Fria.....	37
2.6 Índia e Paquistão frente ao Tratado de Não-Proliferação Nuclear.....	40
3 AS RELAÇÕES BILATERIAS ENTRE ÍNDIA-PAQUISTÃO SOB O ENFOQUE DA SEGURANÇA: CONTEXTO ATUAL E PERSPECTIVAS FUTURAS.....	44
3.1 Análise pós-colonial da independência indiana e herança do imperialismo.....	44
3.1.1 <i>Independente do subcontinente indiano</i>	44
3.1.2 <i>Herança colonial</i>	46
3.2 Análise realista da rivalidade indo-paquistanesa durante a Guerra-Fria e período atual sob o enfoque da segurança.....	52
3.3 As relações indo-paquistanesas: período atual e perspectivas futuras.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	68

INTRODUÇÃO

Uma das características principais do final século XX e início do século XXI é a globalização que intensifica as relações internacionais em uma velocidade nunca antes vista. Nesse período, ocorre uma série transformações sociais que ecoaram no ambiente internacional, sendo este marcado principalmente pela transnacionalização de empresas e do consumo, a multipolaridade e um aumento na porosidade das fronteiras físicas. A partir desse momento, a dependência entre os estados é mais nítida, além uma maior interação entre as sociedades.

A complexidade em que se evoluiu esse sistema, transformou a atuação das nações que antes era local, para o âmbito global. Esses aspectos fizeram com que houvesse uma quebra em uma série de paradigmas que antes eram vistos pela sociedade e estudos nas relações internacionais. Nessa lógica, a questão da insegurança é uma delas. De acordo com Evangelista,

A insegurança representa, também, uma dinâmica vivida em tempos de globalização, inerente a este processo de crescente interdependência. Insegurança aqui não é entendida apenas pelas formas clássicas estudadas pelas relações internacionais — guerra x paz, conflitos internacionais, atos de intervenção em outros Estados, risco de uma guerra nuclear, crises em tomadas de decisão em política externa — mas num sentido mais amplo, a partir da noção de risco. A estes riscos “clássicos” estudados pelas relações internacionais, somam-se hoje riscos de caráter econômico, social, político, ambiental, sanitário dos mais diversos tipos: crises financeiras, aprofundamento da desigualdade entre pobres e ricos, catástrofes ambientais, epidemias, agravamento da fome no mundo, crescimento do crime organizado internacional — tráfico de drogas e armas —, entre outros. (EVANGELISTA, 2006, p. 20).

Dessa forma, os Estados devem buscar maneiras de se adaptarem e por fim, alcançar uma nova solução para enfrentar esse sistema que está em constante metamorfose.

Escolhi analisar as relações entre Índia e Paquistão a partir do processo de independência sob o prisma da segurança regional com o objetivo de ampliar meu próprio conhecimento sobre o assunto. Vivenciei na Índia essa “rivalidade” no período 2009/2010 devido a viagem de meu genitor. Durante a minha estadia pude perceber dimensão dos impactos desse fato desde de relacionamento entre os governos até os cidadãos indianos.

Dessa forma, possuo um interesse natural de aprofundar minhas pesquisas sobre o assunto.

Hodiernamente, o assunto é de extrema relevância e pouco estudado no meio acadêmico. A recente ascensão dos países emergentes, o desenvolvimento das armas nucleares feita por ambos os países, e o Conflito da Caxemira, que envolve inclusive a China, torna um tema sensível e importante no cenário internacional, além de aflorar o sentimento de nacionalismo tanto indiano, quanto paquistanês.

A Índia tem se consolidando como um player no cenário internacional, que juntamente com a China, simboliza uma mudança fundamental de poder em direção a Ásia. A nação é a maior democracia do mundo, segunda em termo populacionais representando quase 18% da população mundial, segunda maior força de trabalho do mundo, sétimo em extensão territorial e ocupa hoje a sétima posição em termos de tamanho do PIB, sendo uma potência regional (subcontinente indiano). Possui atualmente um dos maiores exércitos permanentes do mundo e está entre os dez países que mais investem em. Foi um dos membros fundadores de diversas organizações internacionais e de grupos importantes atualmente, entre elas destaca-se a Organização das Nações Unidas (ONU), o Grupo das 19 maiores economias do mundo e a União Europeia (G20), o Banco Asiático de Desenvolvimento e os BRICS. Desempenha um papel ímpar em outras organizações como a Organização Mundial do Comércio (OMC) e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Participa de inúmeras missões de paz e era até recentemente a segunda maior tropa da ONU. Da mesma maneira que outras nações como Brasil, Alemanha e Japão, a Índia busca uma cadeira como membro permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), defendendo uma reforma no mesmo. Em pleno 2016, recusa-se a assinar o Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), juntamente com Paquistão, Coreia do Norte, Myanmar e Sudão do Sul. Esse fato implica é um aspecto chave para o entendimento do posicionamento indiano no cenário internacional.

O Paquistão possui uma população que gira entorno de 193 milhões de habitantes, sendo assim como a Índia, um player importante, principalmente pelo desenvolvimento de seu programa nuclear e a que culminou o desenvolvimento da bomba atômica nos anos 90. É membro da ONU, da OMC e da Organização da Conferência Islâmica (OCI). Possui

um PIB de 283 bilhões de dólares em 2016. A economia paquistanesa tem se recuperado gradualmente desde o empréstimo feito pelo FMI em 2013. Esse crescimento é importante em um país que sofre tanto com terremotos, tsunamis e principalmente ataques do Talibã. O país é politicamente instável, dessa forma, é uma preocupação para o cenário internacional, principalmente pelo fato de ter armamento nuclear.

O seguinte trabalho está estruturado da seguinte maneira: no capítulo 1 é feita uma imersão nas correntes teóricas de relações internacionais, o realismo, pós-colonialismo e funcionalismo para que haja um entendimento a cerca do contexto histórico, perspectivas atuais e futuras.

No capítulo 2 é feita a contextualização histórica, justamente para que haja o entendimento das relações Índia-Paquistão, é necessário primeiro, uma introdução ao contexto histórico vivido por ambos os países a partir da década de 1940, com a participação indiana na Segunda Guerra Mundial, culminando na independência da mesma em 15 de agosto de 1947 e conseqüentemente do Paquistão, que se livraram da dominação britânica depois de quase dois séculos. As relações já começaram conturbadas com o conflito da caxemira, atingiu seu ápice durante a independência do Paquistão do Leste, atualmente conhecido como República Popular de Bangladesh e a “corrida nuclear”. Além disso, destaca-se também o relacionamento entre ambas as nações com Estados Unidos e União Soviética.

No capítulo 3 é feita a união dos dois fatores e inserção da teoria no contexto histórico, destacando a importância dessas correntes, para que seja feita a análise além de perspectivas mais atuais das relações indo-paquistanesas e perspectivas futuras.

Para que tudo isso seja feito, deve-se compreender os valores e diferenças compartilhados por ambas as nações, que apesar de possuírem a mesma origem, o diálogo tem se tornado mais distante pelas tensões religiosas e políticas, sendo motivo de alerta para o cenário internacional.

A natureza da pesquisa será básica, objetivando gerar mais conhecimento e debates no âmbito acadêmico a respeito das relações indo-paquistanesas sob o prisma da segurança regional. Será uma pesquisa qualitativa e descreverá as relações bilaterais com

enfoque na segurança, descrevendo a origem da rivalidade, independência, conflito da caxemira, guerra fria, corrida nuclear e perspectivas atuais e futuras. A pesquisa será de cunho bibliográfico tendo em vista base material será constituída de livros e artigos científicos.

No âmbito acadêmico, essa nova percepção dos paradigmas foi evoluindo com o tempo e levou desenvolvimento de novas correntes teóricas. Entre as teorias mais clássicas, destaca-se o realismo, que tem o foco principalmente no fato das políticas internacionais serem caracterizadas pelos grandes conflitos, sendo as organizações internacionais como a ONU, limitadas no que tange ao papel de moldar o sistema, assim a política mundial, é basicamente uma batalha pela sobrevivência.

1 REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL

Nesse capítulo, as correntes teóricas que serão utilizadas como referencial neste trabalho introduzidas para o entendimento da evolução do pensamento acadêmico. O Realismo é por muitos considerada a mais importante teoria das relações internacionais pelos conceitos apresentados. O pós-colonialismo surgiu como uma crítica a essa escola, buscando sempre uma revisão das relações internacionais. Já o funcionalismo representa um desejo na solução de conflitos.

1.1 A Escola Realista e o Equilíbrio de Poder

A escola realista é a mais antiga e conhecida corrente teórica das Relações internacionais. Seis autores podem ser considerados pais do realismo. De acordo com Castro,

Os fundadores do realismo clássico podem ser posicionados em um hexágono: três grandes fundadores no mundo antigo (mundo oriental e greco-romano) e três grandes teóricos no mundo europeu pós-renascimento: Sun Tzu, Tucídides, Tito Lívio e Maquiavel, Hobbes e Richelieu, respectivamente. (CASTRO, 2012, p. 314).

Em relação as suas premissas básicas, o realismo clássico é pautado na questão da segurança, sobrevivência e autoajuda. Vale ressaltar que esses conceitos foram desenvolvidos em uma época pré-westphaliana. Ou seja, em que a questão da soberania por exemplo, não era tão desenvolvida. Maquiavel por exemplo viveu em um período em que a Itália era cheia de conflitos e fragmentada, no século XVI. Seu realismo político era pautado por exemplo no nas qualidades que um “príncipe” deveria ter para governar, caracterizando as relações de poder. Para se ter noção dos conceitos da época, Castro explica que,

Uma das principais premissas do realismo clássico é, em suma, que as relações humanas e, em última instância, as Relações Internacionais são centradas no poder, tendo a lógica da dominação como seu combustível. Em Hobbes, tal percepção reforça o sentido de “dilemas de segurança”, que é uma situação onde um determinado padrão de desenvolvimento da segurança interna, por meio de investimentos em defesa nacional, pode gerar, com os países vizinhos, situações até mesmo de aumento da insegurança. (CASTRO, 2012, p. 317).

Essas noções foram base para o realismo academicamente e a criação das relações internacionais como ciência. Para que esse fato finalmente ocorresse, a Grande Guerra foi “necessária” para gerar tamanha transcendência.

A Primeira Guerra Mundial foi um grande choque para sociedade europeia. Deixou marcas profundas, principalmente pela rápida metamorfose no que tange a comparação com a época que a precede ter sido de relativa paz e estabilidade. Com a eclosão e consequentemente o fim da Grande Guerra, as nações buscaram engendrar um sistema de segurança coletiva, capaz de acabar com todas as guerras. Entretanto, a exclusão de potências como o Japão e as tenebrosas exigências a Alemanha do Tratado de Versalhes transfiguraram a criação e execução da Liga das Nações (1919-1946) em uma catástrofe. A ascensão de Hitler e a Segunda Guerra Mundial (1942-1945) são produtos desse processo.

No período pós-Segunda Guerra, a sociedade internacional reestruturou-se de maneira diferente, pois a partir desse ponto da história, e com o início da chamada Guerra Fria, o âmbito internacional passou a ser composto por duas forças, ou seja, passou a ser regido por uma lógica bipolar. De um lado, os EUA e do outro a URSS. Sardenberg (2003), explica como se deu a origem do pensamento de Morgenthau,

Como indivíduo e acadêmico, sua trajetória foi diretamente afetada pelas grandes crises que atormentaram o século XX, como a afirmação do nazi-facismo, o drama da guerra mundial e a guerra fria, materializada nas tensões da confrontação Leste-Oeste e no terror nuclear. (MORGENTHAU, 2003, p. XII).

Seguindo essa lógica, surgiu no âmbito acadêmico, uma teoria que pudesse explicar os antigos acontecimentos como o motivo pelo qual o idealismo, liderado por Woodrow Wilson e seus 14 pontos para a Paz não conseguiram evitar a Segunda Guerra. Hans Morgenthau é o principal autor do Realismo, considerado muitas vezes como pai das Relações Internacionais devido a importância de sua teoria para mudança de paradigma no estudo das Relações Internacionais. O Realismo acredita que a sociedade é governada por leis objetivas que fazem parte da natureza humana. Dessa forma, as leis da política refletem essa natureza.

Para melhorar a sociedade, é necessário entender previamente as leis

pelas quais a sociedade se governa. Uma vez que a operação dessas leis independe, absolutamente, de nossas preferências, quaisquer homens que tentem desafiá-las terão de incorrer no risco de fracasso. (MORGENTHAU, 2003, p. 5).

Sua teoria defende que o uso da violência é legítimo tanto para quem agride, quanto para o estado que se defende. O revanchismo alemão que gerou a Segunda Guerra Mundial, principalmente devido aos termos impostos a eles após a derrota na Grande Guerra pode ser considerado um exemplo dessa característica. Analisando a partir dessa perspectiva, a independência indiana gerou um desastre na região, criando uma rivalidade entre Índia e Paquistão que teve como consequência o Conflito da Caxemira.

A corrente teórica acredita que tudo gira em torno do poder, ou seja, as nações estão sempre buscando alcançar mais poder para si mesmo. Dessa forma, qualquer interesse por parte dos atores no sistema internacional é pautado na pretensão de alcançar mais poder, ou seja, aquilo que trará maiores benefícios aos menores custos. Nesse aspecto para Morgenthau,

A noção de interesse faz parte realmente da essência da política, motivo por que não se vê afetada pelas circunstâncias de tempo e uma teoria realista da política internacional 17 lugar. A afirmação de Tucídides, fortalecida pelas experiências da Grécia antiga, de que "a identidade de interesses é o mais seguro dos vínculos, seja entre Estados, seja entre indivíduos", foi retomada no século XIX pela observação de lorde Salisbury, segundo a qual "o único vínculo de união que permanece" entre as nações é "a ausência de quaisquer interesses em conflito". (MORGENTHAU, 2003, p. 16).

Mesmo que ideologicamente distintos, as nações são regidas pelos mesmos interesses, buscando o poder, ou seja, uma influência que faz com que outras nações atuem de acordo com suas expectativas, ou seja, ordens. Assim, devido a localização geográfica, as civilizações se desenvolvem de maneira diferente, as políticas são diferentes, porém o produto, ou seja, o interesse é sempre o mesmo. O acordo de Paz de Westfália, assinado em 1648 entre católicos e protestantes assinado antes do conflito e também a aliança entre o Japão e a Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, além da aliança dos EUA com a URSS do lado dos aliados são exemplos que elucidam tais afirmações. Nesse sentido, Morgenthau afirma,

O mais estável dos fatores de que depende o poder de uma nação é obviamente a geografia. Por exemplo: o fato de que o território

continental dos Estados Unidos esteja separado dos outros continentes por uma massa de água de 3 mil milhas de extensão a leste e de mais de mil milhas a oeste, representa um fator permanente que determina a posição dos Estados Unidos no mundo. (MORGENTHAU, 2003, p. 215).

As nações obedecem a uma lógica própria, agindo sempre com prudência, ou seja, sempre avaliam a consequência de suas ações, ou seja, agem de forma racional. Com a análise da Liga das Nações e conseqüentemente da criação da Organização das Nações Unidas (ONU), os realistas acreditam que os atores internacionais não se submetem a nenhum tipo de norma supra estatal. Isto é, os Estados estão acima de tudo e de todos sendo o sistema internacional anárquico.

No contexto indiano, o desenvolvimento de armas nucleares e a não assinatura do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP) encaixa-se muito bem nesse conceito. Dessa forma, os Estados são soberanos tanto interna quanto externamente, atuando da melhor forma que os convém para alcançar seus objetivos. Todos os Estados soberanos estão no mesmo patamar, sendo igualmente capazes de tomarem suas próprias, apesar disso, existe uma hierarquia no sistema internacional devido ao poder de cada nação.

Assim, os realistas não consideram o direito internacional como uma ferramenta de busca de poder, dessa forma, esse direito não possui força para coagir os Estados a tomarem decisões que não estejam de acordo com os seus interesses. Para Morgenthau,

Aliás, a paz e o direito internacional se prestam especialmente bem para servir como ideologias para uma política de status quo. Tendo em vista que as políticas imperialistas, ao perturbar o status quo, frequentemente levam a hostilidades e, por isso, têm sempre de contemplar a possibilidade de uma guerra, é normal que uma política externa que proclama o pacifismo como seu princípio norteador seja tida como anti-imperialista e apoie a manutenção do status quo. (MORGENTHAU, 2003, p. 180).

Seguindo os princípios do realismo, as nações evitariam dois erros básicos, a preocupação com motivos e preferências ideológicas. Segundo o próprio autor, seguindo a lógica realista, as nações evitariam dois erros básicos cometidos: preocupação com motivos e preferências ideológicas.

O desenvolvimento das ideias de Morgenthau (2003) se dá justamente com

Mearsheimer (2001) e Waltz (1979). Esse fato se dá justamente pelo fato dos autores analisarem o período bipolar da Guerra-fria. Para Mearsheimer (2001), os Estados buscam se tornar um hegemon, ou seja, única potência global, além da independência de sua política interna. Waltz (1979) se diferencia do autor por acreditar que as nações não buscam maximizar o poder, mas manter o status quo. O sistema internacional anárquico não é dotado de atores que desejam maximizar o poder, mas simplesmente sobreviver. Assim,

A self-help system is one in which those who do not help themselves, or who do so less effectively than others, will fail to prosper, will lay themselves open to dangers, will suffer. Fear of such unwanted consequences stimulates states to behave in ways that tend toward the creation of balance of power. (WALTZ, 1979, p. 118).

Os neo-realistas veem o interesse das nações no sistema internacional girando também no conceito de ganhos relativos, ou seja, mesmo que uma nação aumente seu poder, deve haver uma preocupação com o crescimento de seus inimigos, buscando sempre o equilíbrio de poder no sistema internacional. Dessa forma, mesmo se em uma nação tiver grande benefícios em fato, é necessária que seja feita uma análise sobre os ganhos dos considerados “inimigos” para ter noção se realmente compensa.

Além desse fato, segundo Mearsheimer (2001), a base para que um estado adquira poder é justamente a riqueza e a sua população, seria justamente daí vêm a força da Índia e seu crescimento como importante player,

This discussion of how power affects fear prompts the question, What is power? It is important to distinguish between potential and actual power. A state's potential power is based on the size of its population and the level of its wealth. These two assets are the main building blocks of military power. Wealthy rivals with large populations can usually build formidable military forces. A state's actual power is embedded mainly in its army and the air and naval forces that directly support it. Armies are the central ingredient of military power, because they are the principal instrument for conquering and controlling territory-the paramount political objective in a world of territorial states. In short, the key component of military might, even in the nuclear age, is land power. (MEARSHEIMER, 2001, p.43)

As instituições pouco influenciam nos Estados, Mearsheimer (2001) denuncia justamente o fato dessas instituições prometerem que elas liderariam os Estados a paz. Essa análise do autor caracteriza a Guerra-Fria como um período justamente de

instabilidade e sujeito a novos conflitos até que um novo poder se configure e um novo equilíbrio seja estabelecido. O que causa essa instabilidade é a rivalidade entre as potências médias como e elas reduzem a ineficácia das instituições. A principal diferença e evolução de sua teoria em relação a Hans Morgenthau é pelo fato ter o privilégio de observar a evolução das instituições internacionais e principalmente o relacionamento entre as nações. Para Morgenthau, era impensável a cooperação entre os Estados. Por outro lado, Mearsheimer já enxerga essa cooperação, porém, nessa cooperação os Estados só se veem como competidores e rivais. Segundo o autor,

The United States and the Soviet Union also cooperated considerably during World War 2, but that cooperation did not prevent the outbreak of the Cold War shortly after Germany and Japan were defeated. Perhaps most amazingly, there was significant economic and military cooperation between Nazi Germany and the Soviet Union during the two years before the Wehrmacht attacked the Red Army.⁵⁹ No amount of cooperation can eliminate the dominating logic of security competition. Genuine peace, or a world in which states do not compete for power, is not likely as long as the state system remains anarchic. (MEARSHEIMER, 2001, p.53).

No contexto subcontinente indiano esse aspecto pode ser observado principalmente pelo fiasco que é a operação de paz da ONU na região da caxemira. Tanto Paquistão quanto a Índia buscam tornar-se o *hegemon* na região e essa corrida só pela sobrevivência segundo Waltz (1979) e pelo poder segundo Mearsheimer (2001). De uma maneira ou de outra, esse aspecto só aumenta a rivalidade e tensão na região. As Organizações Internacionais não conseguem interferir nesse aspecto. Esse fato se dá justamente pela falta de uma autoridade central. Apesar dessas instituições internacionais criarem regras que demonstram como os Estados devem ser comportar, quem decide de fato o que fazer são as próprias nações. Ou seja, comprovando novamente o papel secundário das instituições no cenário internacional.

A teoria realista sofreu uma série de rejeições na academia. Entre as correntes que discordam no pensamento racionalista está o pós-colonialismo.

1.2 A Escola Pós-colonial e o eurocentrismo

O pós-colonialismo surgiu como uma nova corrente que faz uma análise crítica da deturpação europeia-americana, ou seja, ocidental, sobre os acontecimentos históricos e sua influência no lado acadêmico e principalmente sua consequência na formação do mundo. Assim como várias correntes, é caracterizada por uma forte crítica ao realismo. Os principais aspectos que corroboram com esse fato e conseqüentemente foram inspiração para a corrente é a partilha da África e a independência do subcontinente indiano e o desenrolar desses acontecimentos culminando na situação hodierna desses continentes.

De acordo com Elíbio (2015), a corrente pós-colonial é pautada em três princípios básicos: revisão da história das Relações Internacionais, subversão de conceitos centrais como poder e Estado-Nação e por fim, giro epistemológico na “geopolítica do conhecimento”. Para Said (1978), principal autor e fundador da corrente, assim como ocorreu uma descolonização das nações do imperialismo, deveria ocorrer um descolamento nas Relações Internacionais tanto como disciplina como campo de conhecimento dessa visão eurocêntrica. O autor acredita que, o Orientalismo representa três significados: a oposição em termos culturais/ideológicos numa forma baseada em instituições, vocabulário, erudição imagens e doutrinas impostas às colônias, ou seja, uma distinção ontológica e epistemológica entre oriente e ocidente. A terceira é basicamente histórica e material. Deveriam acontecer mais intercâmbios entre às civilizações que sofreram com o imperialismo, sendo suas situações atuais, resultantes desse processo. Assim,

[...] a maioria de nós deveria considerar a experiência histórica do império como algo partilhado em comum. A tarefa, portanto, é descrevê-la enquanto relacionada com os indianos e os britânicos, os argelinos e os franceses, os ocidentais e os africanos, asiáticos, latino-americanos e australianos, apesar dos horrores, do derramamento de sangue, da amargura vingativa. (SAID, 1995, p. 24 apud ELÍBIO, 2013).

A união dessas civilizações pode ser extremamente positiva, principalmente pelo fato de “abrir os olhos” do mundo para fatos que sempre ocorreram, mas somente em alguns casos que afetam os ocidentais, tomam essa proporção mundial. A atual crise dos refugiados pode ser vista como um problema que foi ignorada pelo ocidente no passado e é hoje, um dos principais desafios a ser enfrentado pelo sistema internacional nas próximas décadas. Nesse processo, a globalização tem papel preponderante, no que tange

a facilitação da troca de informações e a tornar público esses casos como a negligência das nações em relação aos refugiados.

Resgatando novamente o pós-colonialismo como crítica do realismo, a lógica das nações como soberanas e únicos atores no sistema internacional mudou bastante. Para Barkawi & Laffey (2006), as potências ocidentais enfrentam a “ameaça existencial” de uma empresa transnacional em vez de estados organizados, diferentemente do passado. Essa “evolução” do cenário internacional representa, segundo a visão pós-colonial, uma ruptura sobre grandes lutas de poder entre as nações.

Os autores citam a Al-Qaeda como um exemplo de uma rede transnacional, pois não se caracteriza como um Estado e nem como um grande poder. Ela se organiza em torno de uma resistência global localmente, através de células. Ela deve ser entendida dessa forma, justamente pelo fato das nações terem que pensar novas formas de agir, já é um ataque ao território físico não é uma solução tão simples.

Sendo mais atual, o Estado Islâmico, é de certa forma, mais “fácil” de combater do que a Al-Qaeda, justamente pela característica de possuir um território. Entretanto, sabe utilizar muito melhor do que a Al-Qaeda a tecnologia em seu favor, principalmente no que tange as mídias sociais. Em outros aspectos se assemelha ao grupo terrorista, ao promover uma série de atentados como o atentado de Paris em 2015, entre outros. Dessa forma, os pós-colonialistas fazem uma crítica ao eurocentrismo intrínseco nos estudos desde a Segunda Guerra Mundial. Assim,

A major reason for this inadequacy is that security studies derives its core categories and assumptions about world politics from a particular understanding of European experience. In this article, we critique the Eurocentric character of security studies as it has developed since the Second World War. (BARKAWI, 2006, p. 330).

O eurocentrismo é basicamente a maneira de pensar que a Europa é separada e distante do resto do mundo. Segundo Barbosa (2008), é basicamente um etnocentrismo entendido de forma singular. Essa visão deturpada é uma crença generalizada que enxerga o modelo europeu-ocidental de desenvolvimento como sendo uma fatalidade (desejável) para todas as sociedades e nações. Hoje é nítida a influência eurocêntrica presente no ensino europeu desde há muito tempo. O iluminismo no século XVIII, Voltaire, Hegel,

Marx e Engels no século XIX. Apesar de suas diferenças, em ambos os séculos somente a premissa do desenvolvimento europeu era considerada. Nesse sentido, Barbosa (2008), indaga que,

Mas o que ocorre ao historiador, ou filósofo social, quando, olhando para o passado de outros povos e civilizações, não se pudesse encontrar neles a genealogia da modernidade indústria-ocidental? Trata-se de uma questão pertinente. Hegel, por exemplo, foi peremptório neste ponto ao falar sobre o passado da África, que aqui interessa ressaltar. Dizia o filósofo alemão que, ao se analisar a história da África, não poder-se-ia ali encontrar progressos e movimentos históricos. Sua conhecida conclusão foi que África não faria parte da “história do mundo”. (BARBOSA, 2008, p. 3).

O principal problema do eurocentrismo é o estudo e caracterização errônea de vários acontecimentos de maneira rasa. A descolonização da África e do subcontinente indiano, em que se dividiu a Índia e o Paquistão e conseqüentemente a independência da Ilha do Ceilão, atual Indonésia e Paquistão do Leste, hoje Bangladesh, ocorreram de acordo com os interesses das grandes potências. Assim, deslegitimando as reivindicações e os movimentos que não interessam às grandes potências. Por isso, figuras como Mahatma Gandhi e sua Revolução Pacífica e Nelson Mandela são tão exaltados pela história.

O eurocentrismo criou conseqüências irreparáveis, que podem ser observados ainda hoje. Dessa forma, as potências utilizam o realismo como justificativa para agir da maneira que bem entender, mais ou menos como os EUA manipularam a mídia para legitimar a invasão norte-americana ao Iraque, com a justificativa de que os iraquianos possuíam armas de destruição em massa. Dessa forma, o eurocentrismo mostrou-se mais uma vez como uma ideologia para a legitimação da dominação ocidental europeia. Para Said,

[O conflito] Norte-Sul não se aplacará, e novas formas de dominação terão de ser triadas para assegurar aos segmentos privilegiados da sociedade industrial a preservação de um controle substancial dos recursos mundiais humanos e materiais, e dos lucros desproporcionais derivados desse controle. Assim, não surpreende que a reconstituição da ideologia nos Estados Unidos encontre eco em todo mundo industrial. [...] Mas é absolutamente indispensável para o sistema ideológico ocidental que se estabeleça um enorme fosso entre o Ocidente civilizado, com seu tradicional compromisso com a dignidade humana, a liberdade e a autodeterminação, e a brutalidade bárbara daqueles que, por alguma razão – talvez genes defeituosos –, não conseguem apreciar a profundidade desse compromisso histórico, tão

bem revelado pelas guerras americanas na Ásia, por exemplo. (SAID, 1995, p. 351).

Outro exemplo que corrobora com a deturpação da realidade feita por esses estudos é o fato dos fracos e impotentes serem considerados elementos secundários da política mundial. Nesse sentido, Barwaki & Laffey (2006) citam Cuba como outro exemplo de falha ao reconhecer o real papel exercido pela nação na famosa crise dos mísseis, considerando um problema a ser resolvido entre as grandes potências, quando na verdade foi um assunto muito mais interno e que não poderia ser resolvido se Fidel Castro não permitisse que os mísseis fossem removidos. Assim como o exemplo de Cuba, pode-se considerar a análise da participação soviética na Segunda Guerra Mundial como um exemplo de falha no tange em considerar que foi ganha pelos EUA e pelos aliados ocidentais.

These moments represent, respectively and together, important dimensions of Eurocentrism in security studies: the Orientalism expressed in and structuring key texts; the assumption of great-power agency in empirical inquiry; the often unacknowledged Anglo-American politics shaping the definition of key events; and the presumed ethical character of the West. (BARKAWI; LAFFEY, 2006, p. 335).

A crucial participação soviética é ignorada, e a uma virada na guerra, principalmente após a vitória na Batalha de Stalingrado. Essa visão legítima e justifica a liderança dos EUA no mundo após a Segunda Guerra Mundial, dessa forma, representa algo bem diferente para as grandes potências, do que para a população mundial que vive no “Sul global”.

Segundo Hoffman (2005 apud Elíbio, 2013), tanto a política quanto a academia deveriam conduzir a influência, soberania e liderança de uma nação sobre os demais países, ou seja, sua hegemonia. Por isso, durante a guerra fria os acadêmicos forneceram bases teórico-científica para “nova diplomacia” americana contra os soviéticos. Dessa maneira, é complicado para os “ocidentais” entenderem o holocausto, como sendo o único em território europeu. Entretanto, a história ocidental, mostra que em outras partes do mundo, como a própria Índia, Brasil, Armênia, são exemplos de extermínio de povos inteiros.

Além desses problemas citados, o eurocentrismo em termos de segurança, a política nunca é tomada pelas minorias. Dessa forma, se faz mais necessário uma atenção com as várias facetas da história. Para não cair no velho ditado de que “a história é contada pelos vencedores”.

Para Halliday (1994 apud Elíbio, 2013), as Relações Internacionais foram das ciências, as que mais se afastaram do Marxismo e das questões de gênero, fato esse que dificultou as análises Norte-sul e estruturas globais de exploração. É por isso que Said (1995) defende em sua teoria que tanto o Oriente e o Ocidente são criados pelo imaginário do ser humano. Esse Orientalismo é um elaborado corpo de teoria e investimento contínuo do ocidente sobre o oriente, não passando de mentiras e mitos.

A crítica ao eurocentrismo é importantíssima pois acende o debate a um assunto não antes debatido, levando um maior pluralismo nos estudos da segurança, além de ser um instrumento para teorizar sobre a grande quantidade de atores, dinâmicas e urgências que antes não eram estudadas por outras teorias.

Para o entendimento completo do tema que será abordado no próximo capítulo, é interessante uma breve passagem sobre uma teoria que pode ser útil na busca pela solução de relações complexas como é o da Índia com o Paquistão.

1.3 O Funcionalismo e ansiedade

Na procura de soluções para a região da Caxemira, conflito profundo que está atualmente em litígio entre três potências nucleares: Índia, China e Paquistão, pode ser considerada a visão funcionalista de David Mitrany, como uma saída a ser estudada e adaptada a região. Segundo Mitrany (1948) “Não asseguraremos a paz no mundo enquanto se a organizarmos segundo que a divide”. Para se ter noção da importância do conflito, a Operação de Paz da ONU na região (UNMOGIP), foi criada no dia 24 de janeiro de 1949 com o objetivo de supervisionar o cessar fogo entre o Paquistão e a Índia, sendo a operação de paz mais antiga ainda em vigor.

O autor afirma ter elaborado uma teoria, mas uma ansiedade. Ele não tenta fazer uma análise do momento atual, mas de um caminho para a mudança, sendo uma ação que evitará a crise. Em suas palavras, Mitrany,

I do not represent a theory, i represent an anxiety. At home, when we want change or reform, we state our objectives in such terms that all may see how we may attain them. At home, when we want change or reform, we state our objectives in such terms that all may see how we may attain them. When it comes to the international world, where we face with old and stubborn habits of mind and feeling and political dogmas, where the change we have in mind must close one of the ponderous tomes of history and open up a new one, it seems that nothing will do but goal and winged results (MITRANY, 1948, p. 350).

Pelo fato de fugir do padrão, buscando pensamento diferenciado assemelha Mitrany aos demais autores pós-colonialistas. O autor afirma que no panorama geral, existem duas tendências: national self-government (mais comum na Europa) e radical social change (mais comum na Ásia e Oriente Médio).

Para Mitrany (1948), o socialismo nacionalismo ou nacional socialismo existe um perigo de regressão. A tendência da política moderna levou os países a se dividirem o mundo em Estados. A ideia de auto-governo foi usada com guia do acordo de paz de 1919 e continua fortemente influente no Oriente Médio e no Sudeste Asiático e agitando a África também. Para reconciliar essas duas tendências é o maior problema da atual conjuntura política. A grande crítica do autor é que a falta as nações se organizarem em torno de interesses em comum. Para suprir esse problema, inicialmente deveria-se criar uma cooperação técnica para problemas menores (ex: Alcan Highway¹ – Acordo EUA com o Canadá). Nesse sentido, a cooperação seria construída de baixo para cima.

Esse fato transcenderia para as outras áreas. Após esse acontecimento, seriam criadas agências internacionais técnicas e essa ramificação (spillover) levaria a discutir a cooperação em temas mais complexos como a guerra e paz.

A grande questão a ser discutida por fim é, seria o funcionalismo, uma saída viável para a Índia e Paquistão mesmo com essa intrínseca rivalidade entre os cidadãos? Os pós-

¹ Acordo assinado entre EUA e Canadá com o objetivo de criar uma estrada (inaugurada em 1942) para fazer a ligação entre os EUA e o estado do Alaska.

colonialistas diriam que essa rivalidade foi construída pelo eurocentrismo e conseqüentemente um intercâmbio entre as civilizações seria positivo para o entendimento do motivo do conflito se encontrar naquele estado e facilitaria a busca por uma solução. Já os realistas rechaçariam a teoria funcionalista pelo simples de tudo nas relações internacionais ser feito levando em consideração a questão do poder. Assim, as decisões tomadas por essa organização não influenciariam o sistema internacional.

No próximo capítulo, a história indiana da independência do subcontinente indiano será analisada para o entendimento e procura de uma real resposta para a presente monografia.

2. CONTEXTO HISTÓRICO

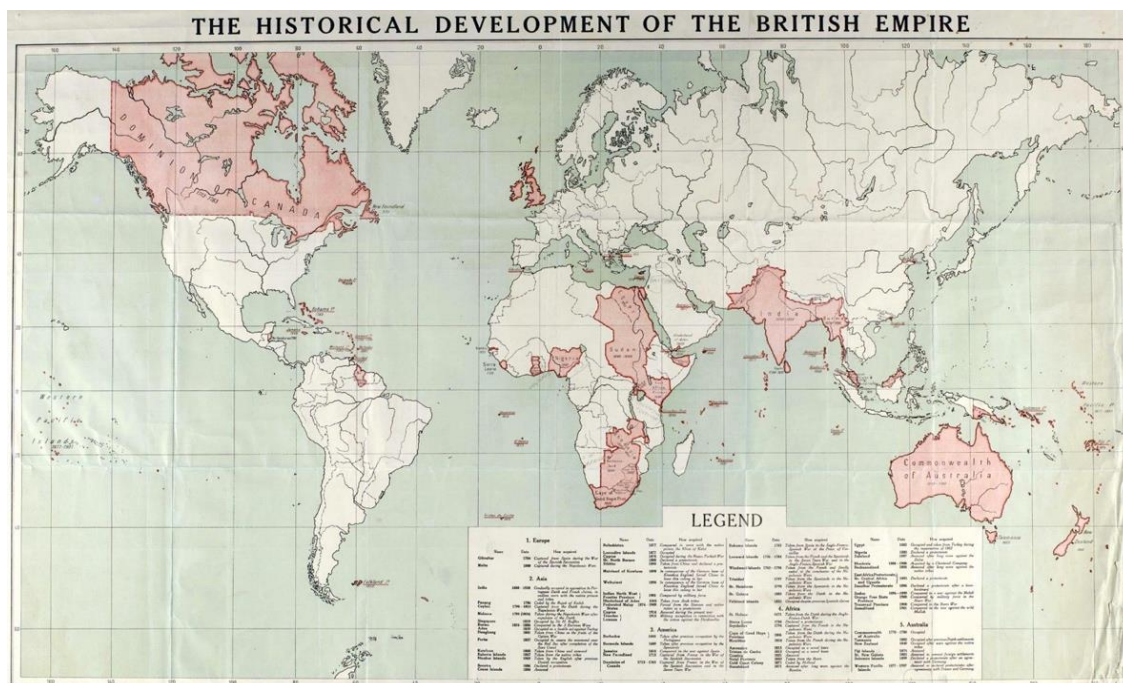
Para entendermos o conflito atual na região é necessária uma imersão desde o império britânico, com o intuito de justamente compreendermos a relação inicial de domínio europeu sobre o subcontinente indiano.

2.1 Império Britânico

Durante o século XIX, o Império Britânico foi a maior potência mundial, possuindo o maior império da história da humanidade, juntamente com Alexandre, o Grande e Genghis Khan. O ápice do império ficou conhecido como Era Vitoriana. Foi um período de grande esplendor econômico, e possui esse nome justamente por ter sido ao longo do reinado da rainha Vitória (1837-1901).

A frase “O Sol nunca de põe no Império Britânico” representa o tamanho e relevância do império. Para se ter noção, a imagem a seguir demonstra a real dimensão do império em em 1915:

Figura 1 – Mapa do Império Britânico



Fonte: Global Security, 2017

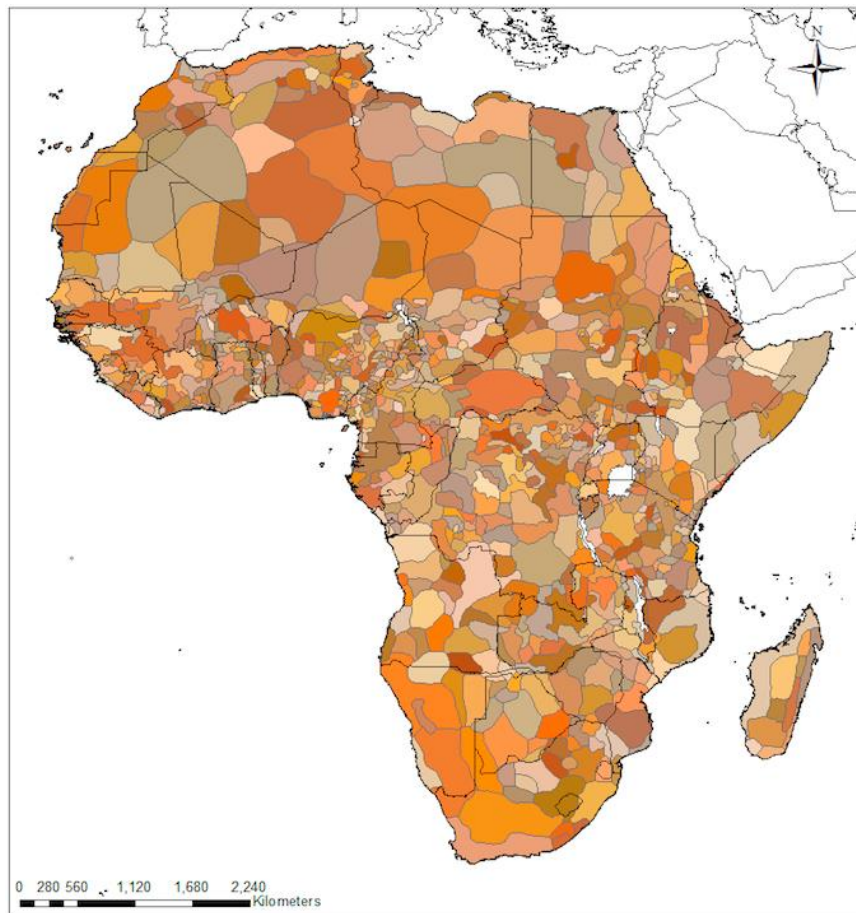
Além da Inglaterra, outros impérios que também faziam parte do chamado neocolonialismo, como a França, Bélgica, Holanda, Itália, EUA e Japão. Entretanto, nenhum deles conseguiu alcançar, naquela época, o apogeu que os britânicos alcançaram. As colônias estavam situadas principalmente na Ásia e a África. Em termos de política econômica, as potências buscavam dominar os mercados produtores de matéria-prima, e ampliar seu mercado consumidor de produtos industrializados. Essa expansão e conseqüentemente a dominação teve uma série de justificativas.

A principal tem origem um eurocentrismo incipiente, que os fazia acreditar na superioridade do homem branco europeu, sobre os africanos, associando uma relativa superioridade científica a justificativa de uma dominação. Para se ter noção desses conceitos e principalmente do desenvolvimento desse eurocentrismo sobre a sociedade europeia e suas conseqüências, vale a pena citar um trecho de Hitler,

O papel do mais forte é dominar. Não se deve misturar com o mais fraco, sacrificando assim a grandeza própria. Somente um débil de nascença poderá ver nisso uma crueldade, o que se explica pela sua compleição fraca e limitada. Certo é que, se tal lei não prevalecesse, seria escusado cogitar de todo e qualquer aperfeiçoamento no desenvolvimento dos seres vivos em geral. (HITLER, 1985, p. 185, apud CAETANO, 2010).

O grande número relativo de “impérios” em relação ao colonialismo, fez com que os grandes líderes da época fossem convocados por Otto Von Bismarck (chanceler alemão), para uma Conferência em Berlim. Com isso, em 1885 foi definida a partilha do continente africano. (Ferreira, 2008) o continente africano foi dividido segundo os interesses dos europeus, “superiores” ao povo que habitava o local. A imagem a seguir mostra como o continente foi dividido e logo em seguida, como deveria ter sido dividido respeitando as etnias.

Figura 2 – Mapa étnico do continente africano em 1959 e no contorno em preto a divisão atual da África



Fonte: Peter Larsons, 2011

A dominação imperialista não era aceita de forma alguma pelas populações locais, e foi por esse motivo que durante esse período, ocorreram uma série de conflitos de resistência entre as colônias e os colonizadores, tais como a Guerra dos Boêres, Guerra do Ópio, Boxers e outra que ocorreu no território indiano e nos ajuda a elucidar o que ocorria no território indiano naquela época, a Guerra dos Cipayos.

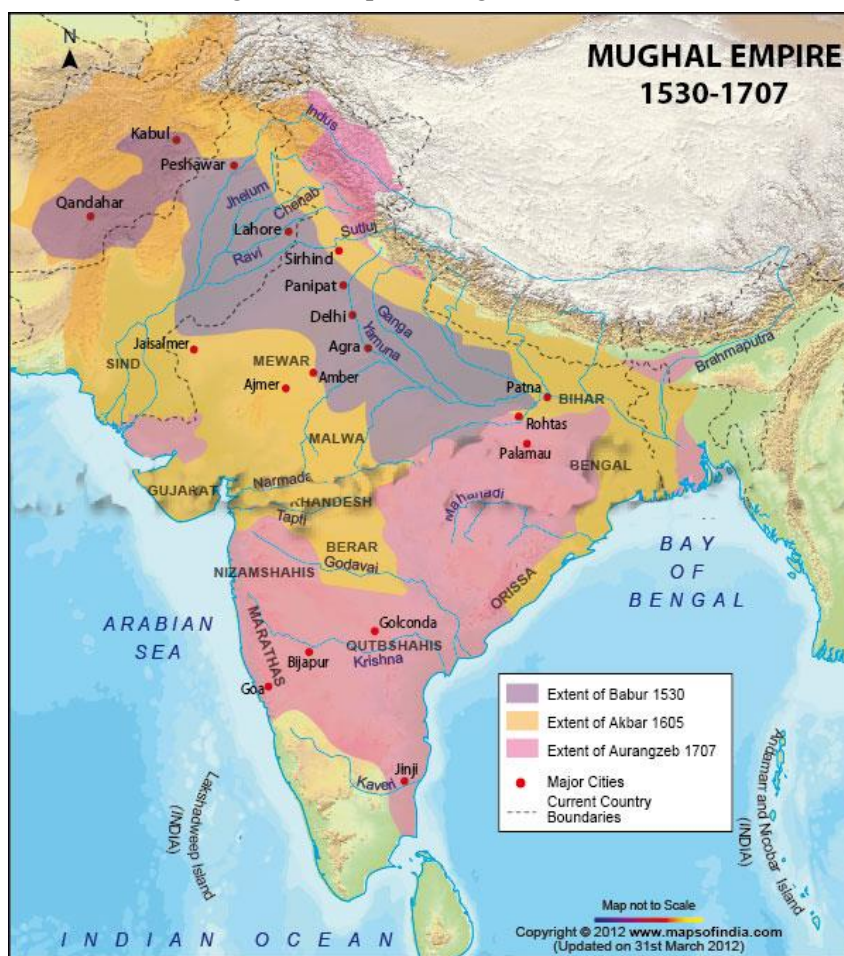
2.2 Índia e o Império Britânico

Antes de ser colônia britânica, os indianos tiveram seu primeiro contato com europeus no século XVI, justamente com os portugueses. Não é à toa que no território indiano existe um estado em que o português é a língua oficial, Goa. Após os portugueses, o território indiano teve contato com os holandeses e franceses. Esse interesse todo no

território indiano se deu pelo fato da existência das famosas especiarias no território indiano, como o cravo da Índia, louro, cominho, noz-moscada, e etc.

Durante esse período o território indiano era dominado pelo Império Mogol ou Mughal (1526-1858). A imagem a seguir mostra a extensão do império no seu auge, no século XVIII:

Figura 3 – Império Mughal 1530-1707



Fonte: Maps of India, 2012

O Império Mughal possuía uma estrutura parecida ao feudalismo europeu ou o que ocorria no território japonês, em que existia uma hierarquia e regiões comandadas por subordinados ou “vassalos” do imperador. O império não era contrário ao comércio com os europeus e a relação entre eles era razoavelmente boa e proveitosa para ambas as partes. Entretanto, em 1756, o governante da região da Bengala tomou posse de uma feitoria britânica, criando um enorme prejuízo para a Companhia Inglesa das Índias

Orientais. Nesse ocorrido, cidadãos britânicos foram presos. Esse fato ficou conhecido como “O Buraco Negro de Calcutá” e teve como consequência o envio de tropas inglesas ao território indiano em 1774.

Assim como os portugueses utilizaram indígenas para derrotar outras tribos, o império britânico utilizou nativos indianos, que unido aos ingleses, tomaram a província de Bengala. Foi assim iniciada a dominação britânica no território indiano e consequentemente o fim do Império Mughal em 1858. O autor Tim Leadbeater definiu bem o que foi o Império Mughal,

From the eleventh century, north-western India was raided and invaded by armies, groups and peoples from central Asia, ethnically Turkic. They established a Sultanate at Delhi and consolidated their power. With the accession of Akbar (meaning ‘The Great’) in 1556, there came to power a dynasty claiming descent from Genghis Khan and Timurlane, near legendary leaders of the Mongol hordes. From this, the dynasty became known as the Mughals (from which comes the English word mogul). The Mughal civilization is one of the most brilliant in history. Its cultural achievements are numerous but the Taj Mahal is perhaps the most famous. Politically, the legacy of the Mughal period is of vital importance to the history of independence. (LEADBEATER, 2008, p.6).

“A joia mais rica da coroa britânica”, essa frase define a importância da Índia como colônia britânica. Entretanto, semelhante a colonização latino-americana, enquanto os colonizadores enriqueciam, o povo sofria e era explorado. Nesse contexto, como citado antes, ocorreu a Revolta dos Cipayos. Em 1857, soldados nacionalistas hindus, revoltados com a exploração britânica, assumiram o controle da cidade de Délhi, hoje capital da Índia. A revolta foi sufocada em 1858, mas foi fundamental no sentido de que abriu um precedente a população indiana, sendo a primeira revolta contra o império britânico em território indiano. A revolta passou a mensagem da insatisfação popular a Inglaterra, que por sua vez, aumentou o rigor e controle sobre o território indiano ao transformar o governador-geral em vice-rei e proclamar em 1879 a rainha Vitória em imperatriz da Índia.

Ao contrário dos colonizados, o século XIX foi um período de paz relativa para os cidadãos europeus. Apesar de rusgas entre os impérios, não houve nenhum conflito de grandes proporções como as Guerras Napoleônicas (1808-1813). A partir do crescimento

das grandes potências e a criação da Alemanha após a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), as relações internacionais se organizavam a partir de sistema de alianças. Durante esse período, que ficou conhecido como Paz Armada, os impérios investiram na indústria bélica, justamente com a partir do medo do crescimento das outras potências. Essa etapa da história é conhecida como Paz Armada e teve como consequência a Primeira Guerra Mundial. Segundo o historiador Eric Hobsbawn:

Portanto, descobrir as origens da Primeira Guerra Mundial não equivale a descobrir o agressor". Ele repousa na natureza de uma situação internacional em processo de deterioração progressiva, que escapava cada vez mais ao controle dos governos. Gradualmente a Europa foi se dividindo em dois blocos opostos de grandes nações.

[...]

As alianças, em si, embora implicassem a possibilidade da guerra, não a tornavam nem certa nem mesmo provável. Assim, o chanceler alemão Bismarck, que foi o campeão do jogo de xadrez diplomático multilateral por quase trinta anos após 1871, dedicou-se com exclusividade e sucesso à manutenção da paz entre as nações. Um sistema de blocos de nações só se tornou um perigo para a paz quando as alianças opostas se consolidaram como permanentes, mas especialmente quando as disputas entre eles se transformaram em confrontos inadministráveis. Isto aconteceria no novo século. (HOBSBAWN, 2002, p. 431).

A Índia teve uma importante participação na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Segundo BBC (2015), cerca de 1,3 milhões de Muçulmanos, Sikhs e Hindus, além de outras regiões se voluntariaram na Índia Expeditionary Force. Para se ter noção, era o maior exército de voluntários da época. A tabela abaixo demonstra esse fato.

Tabela 1 –Baixas do Império Britânico na Grande Guerra (1914-1920)

TABLE (i.) (a).—APPROXIMATE NUMBER OF CASUALTIES FROM 4TH AUGUST, 1914, TO 31ST DECEMBER, 1920.

	Number of soldiers who lost their lives in, and through, the Great War.*	Number of wounds received by soldiers.	Number of reported prisoners of war.

Fonte: Great Britain War Office, 1920

A Índia teve grandes perdas, sendo esse apoio, como demonstrado na tabela, chave para a vitória dos aliados na Grande Guerra. O principal motivo para os indianos aceitarem apoiar a Inglaterra e enviar tais números foi justamente uma promessa por parte da coroa de uma maior representatividade indiana no parlamento inglês. Entretanto, essa representatividade não foi alcançada, o que causou grande revolta no povo indiano, assim surge uma figura essencial nesse processo e que é indissociável do processo de independência do continente indiano: Mahatma Gandhi.

2.3 Mahatma Gandhi e a luta pela independência

Mohandras Karamchand Gandhi ou Mahatma Gandhi como ficou conhecido nasceu em uma família rica indiana. Estudou direito na Inglaterra, fato esse que similar aos filhos dos portugueses abastados no Brasil em Coimbra. Gandhi viveu 20 anos na África do Sul após se formar e sofreu na pele o preconceito, destacando-se ao defender a exploração dos indianos no território sul-africano, lá deu início ao movimento de desobediência civil.

O conceito de desobediência civil é inspirado no autor Henry David Thoreau. Nascido em 1817 nos EUA, o autor fez um ensaio sobre a necessidade da desobediência civil contra um Estado, criando assim uma ideia impensável antes: a revolução pacífica. Para o autor, “bom governo é o que governa menos” e o “melhor governo é o que não governa de maneira nenhuma”.

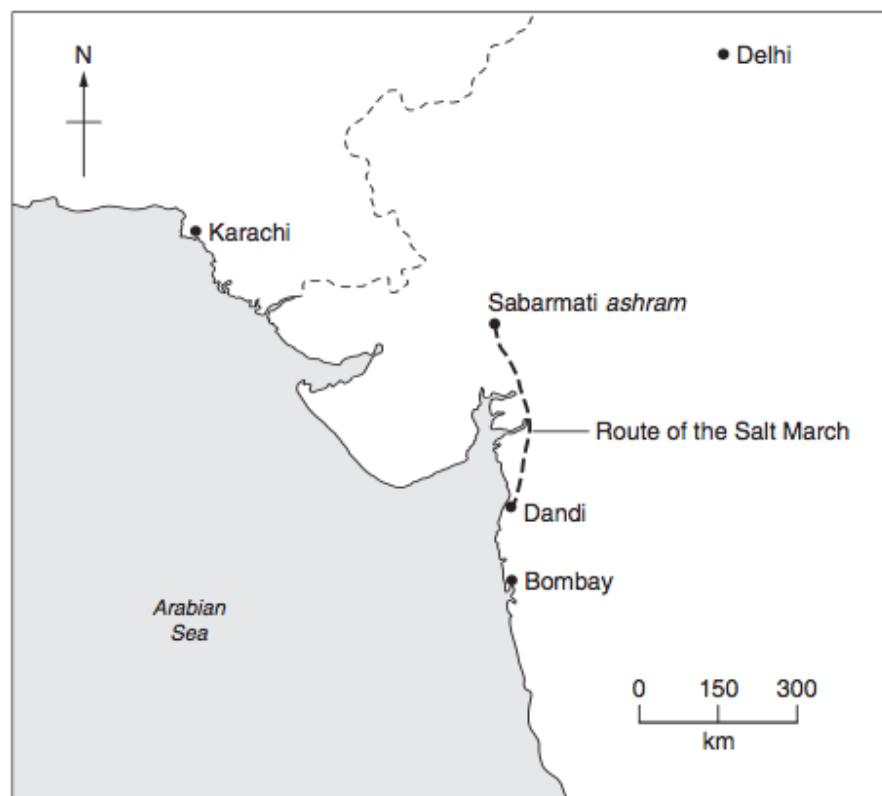
Após algumas vitórias no território africano, Gandhi retorna para a Índia em 1915. Em pouco tempo tornou-se um líder nacionalista, que em primeiro momento apoiou o envio de tropas indianas a Primeira Guerra. Entretanto, após o fracasso inglês em cumprir com a sua palavra, Gandhi dá início a revolução pacífica em território indiano. Para (Mello, 2013), os princípios de Gandhi estavam no amor, liberdade, cumprir com a palavra e a luta ética contra a injustiça. Sua “cruzada” tinha o seguia os seguintes princípios: santyagraha ou força da verdade e a ahimsa ou não violência. Segundo o próprio Gandhi, a santyagaha possuía o poder de transformar uma sociedade moderna: “é uma força que, se ficasse universal, revolucionaria ideias sociais e anularia despotismos e o militarismo”.

Em 1916, Gandhi torna-se amigo de Jarwahal Nehru, um também indiano de família rica que estudou direito na Inglaterra. Nehru juntou-se a Gandhi no Partido Congressista. Para se ter noção da importância de Nehru na história indiana, em 1947 tornou-se Primeiro Ministro da recém-formada nação indiana.

O fator que aumentou ainda mais a insatisfação indiana em relação a Inglaterra foi justamente o fato de que em 1930, a Inglaterra proibiu extração do sal no território indiano, por possuir o monopólio do sal. Em protesto a essa imposição, Mahatma caminhou para o litoral indiano, angariando simpatizantes por onde passava. Ao chegar

no seu destino, Gandhi pegou uma quantidade de sal, simbolizando a força e que o sal era propriedade indiana. Essa revolta resultou na prisão de Mahatma, e teve como consequência um fortalecimento do apoio popular ao Partido do Congresso.

Figura 4 – Marcha do Sal



Fonte: Britain and India 1845-1947, 2008

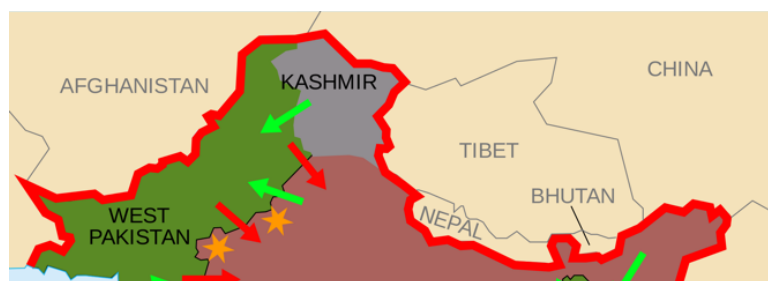
Após esse período, o sistema internacional passava por uma fase já citada antes, que resultou em uma outra guerra, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Antes do começo da Segunda Guerra, Gandhi em um ato de sinceridade e força, enviou uma carta a Adolf Hitler um mês antes do Pacto de não agressão entre os nazistas e soviéticos, que infelizmente foi interceptada pelos britânicos e nunca chegou nas mãos do Fuhrer. A seguir um trecho da carta,

It is quite clear that you are today the one person in the world who can prevent a war which may reduce humanity to a savage state. Must you pay that price for an object however worthy it may appear to you to be? Will you listen to the appeal of one who has deliberately shunned the method of war not without considerable success? Any way I anticipate your forgiveness, if I have erred in writing to you. (GANDHI, 1939).

Assim como na Grande Guerra, a participação indiana foi enorme. Khan (2015), foram disponibilizados um total de quase 2,3 milhões de soldados ao Reino Unido durante a guerra. É o maior exército de voluntários por uma colônia na história. A Segunda Guerra, assim como a primeira, foi a chave para a independência indiana. Justamente pelo fato de que devido aos bombardeios diários realizado pelos alemães a Inglaterra, os ingleses saíram enfraquecidos desse conflito, diferentemente da Grande Guerra. Foi um marco no sistema internacional que a partir desse momento, passou a existir uma nova potência não só comercial, mas bélica. Esse aspecto, aliado ao crescimento dos movimentos nacionalistas indianos possibilitaram a tão sonhada independência em 1947.

A Partição da Índia ocorreu de forma similar a da África, principalmente levando em conta que somente os interesses britânicos foram atendidos. A imagem a seguir mostra como de que forma o território foi dividido,

Figura 5 – Partição do subcontinente indiano



Fonte: Scholar Blogs, 2017

Dessa maneira, territórios como o Punjab foram divididos em dois, além do nascimento assim do Paquistão como nação, seu território corresponde ao local em que a população muçulmana seria abrigada. Esse fato gerou uma massiva imigração. O escritor indiano Saadat Hasan Manto escreveu uma frase que define a real situação da população na época: “Eu não quero viver na Índia ou no Paquistão, eu quero viver em uma árvore”. Hindus, Muçulmanos, Sikhs foram forçados a migrar de um lado para o outro da fronteira, gerando caos e violência. Oliver Stuenkel define a partição como:

Partition, the division of the Indian subcontinent into two countries in 1947, will always be remembered as one of the 20th century’s major tragedies, involving one of the greatest forced human migrations in history, displacing more than 10 million people. It led to more than a million deaths in the context of Britain’s departure from the subcontinent and the independence of India and Pakistan. (STUENKEL, 2016).

O problema nas negociações da partilha e esse problema todo foi o fato de Nehru, líder indiano, apesar de defender os muçulmanos, não aceitava a Liga Muçulmana, e isso foi preponderante para que Muhammad Ali Jannah, líder da Liga, e fundador do

Paquistão, aumentasse a desconfiança dos paquistaneses a respeito de serem governados por um Estado de maioria hindu.

Nesse processo, a Inglaterra influenciou diretamente pelo fato de enxergar a consolidação muçulmana como positiva pois aumentava as tensões e os britânicos queriam prolongar o seu domínio. Assim,

Hajari recognizes that Mountbatten's decision to anticipate Britain's withdrawal and let an unprepared mapmaker draw the borders within 40 days (without visiting the regions affected, as the author correctly notes) turned the whole project far more deadly than it could have been under other circumstances. Jinnah hardly could have anticipated such irresponsible behavior by the British. (STUNKEL, 2016).

Gandhi aceitou a independência do continente indiano nos moldes ingleses, ou seja, concordando com a independência do Paquistão, por justamente acreditar que se esse fato não ocorresse daquela forma, a Índia permaneceria por mais tempo como colônia, e por esse motivo, foi morto por um hindu nacionalista radical. Sobre sua morte, Nehru afirmou que

A glory has departed and the sun that warmed and brightened our lives has set and we shiver in the cold and dark. Yet he would not have us feel this way after all the glory that we saw, for all these years that man with divine fire changed us also, and, such as we are, we have been moulded by him during these years and out of that divine fire many of us also took a small spark which strengthened and made us work to some extent on the lines that he fashioned; and so if we praise him our words seem rather small and if we praise him to some extent we praise ourselves. (NEHRU, 1948).

2.4 O Conflito da Caxemira e as suas peculiaridades

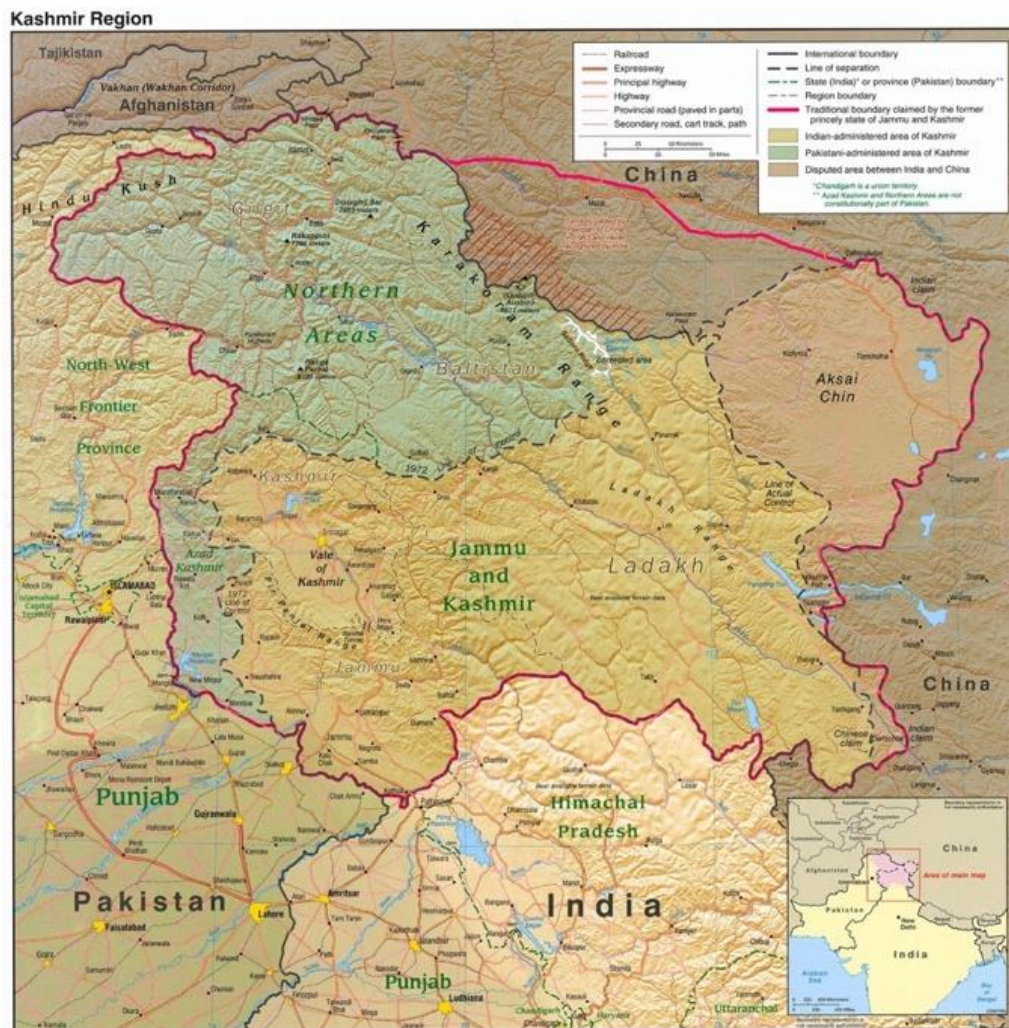
Essa divisão gerou um grande conflito na região ao norte, fronteira entre ambos os países, conhecida como Caxemira. Ela é uma região rica e estratégica pois além de possuir as nascentes dos principais rios indianos, como o Ganges, tendo um valor religioso, e sendo fonte primária de água potável para o Paquistão. Assim, é essencial tanto para o Paquistão quanto para a Índia no que tange ao controle das águas. Para se ter noção da importância histórica, durante o Império Mongol a Caxemira era a ligação entre a China e a região do Paquistão durante a Rota da Seda. A Caxemira possui três religiões principais: muçulmanos, hindus e budistas.

A égide da divisão desse território está no fato da região na época possuir maioria muçulmana e ser governada por hindus, por isso, existia a complicação sobre qual nação esse território seria anexado, Índia ou Paquistão.

Para entender a origem disso tudo, é necessário voltar um pouco na história. Em 1846, o Império Britânico vendeu a Caxemira para Maharajah Ghulab Singh, que então se estabeleceu como o primeiro Marajá e governador da região independente. Esse fato ficou conhecido como o Tratado de Amritsar. Após sua morte, em 1857, seus sucessores assumiram até 1949 e eram famosos por sua agressividade e tirania.

Em 1947, com a partilha da Índia e do Paquistão, o então Marajá Maharajah Hari Singh foi aconselhado a considerar a religião e etnia da maioria para decidir qual nação se anexar para justamente evitar os conflitos. Entretanto o Marajá permaneceu neutro, efetuando a criação de um território autônomo, o que gerou indignação da população muçulmana. Com isso, o Paquistão enviou tropas para a região, fato esse que desencadeou uma guerra. Esse conflito teve como resultado a divisão da região em um lado muçulmano e outro hindu. A imagem a seguir demonstra como o território encontra-se atualmente.

Figura 6 –Mapa Político da Caxemira



Fonte: Himalaya Masala, 2017

A imagem a cima mostra que uma parte desse território na divisão atual pertence a China, que ao contrário do Paquistão, procura resolver esse fato por vias diplomáticas. O fato da Rota da Seda ter passado pela Caxemira faz com que a China e o Paquistão possuam uma excelente relação diplomática e de comércio. O interesse na China na região está justamente pela proximidade e facilitação do acesso a região do Tibete, vale ressaltar só para termos de curiosidade que o Dalai Lama, líder tibetano, atualmente encontra-se exilado na Índia.

Para se ter noção da importância desse conflito internacionalmente, em 1948, o Conselho de Segurança da então recém-criada ONU adotou a resolução 39 (1948) estabelecendo uma Comissão das Nações Unidas para Índia e Paquistão (UNCIP). E em 1949 o Acordo de Karachi foi assinado, estabelecendo a linha de cessar-fogo que deveria ser supervisionado pelos observadores militares da ONU. Devido as contínuas

hostilidades e tensão na região, a UNMOGIP ainda existe e continua operante na região. A operação conta com um total de 4 resoluções: a primeira 47 (1948), segunda 91 (1951), terceira 210 (1965) e a última feita em 1971, de número 307.

As hostilidades entre indianos e paquistaneses foi se complicando, tendo o seu ápice na década de 70 com a independência do Paquistão do Leste ou Bangladesh.

2.5 As reações de Índia-Paquistão durante a Guerra Fria

Durante a Guerra Fria, período marcado pela bipolarização do poder no sistema internacional, entre EUA e URSS, ocorreu uma algo esperado no subcontinente indiano. O Paquistão por um lado posicionou-se junto aos EUA e a Índia junto a URSS.

As relações indo-soviética começaram de maneira acanhada, principalmente devido a noção de Josef Stalin de não alinhamento com países que não possuíam a mesma ideologia, dessa maneira, no período inicial da guerra-fria, ambas as nações tinham pouco contato. A Índia fazia parte do movimento dos não-alinhados, ou seja, posicionava-se entre os dois blocos EUA e URSS de maneira neutra. O autor Kaul define bem esse movimento,

A essência do não alinhamento é a independência de países não alinhados para julgar cada questão em seus méritos e como isso afeta o interesse nacional de cada país não alinhado, sem qualquer compromisso anterior de um lado ou do outro, a legitimidade do interesse dos outros países não alinhados é o interesse maior pela da paz, segurança e desenvolvimento em todo o mundo. (KAUL, 1986, p.23 apud SAUTER, 2016, p.35).

Entretanto, o fato do Paquistão estar inclinado a uma aliança com os EUA fez com que o aumentasse o interesse da URSS sobre a nação indiana. Os sucessores de Stalin entenderam a importância do desenvolvimento das relações indo-soviéticas principalmente após o Paquistão oferecer uma base para os norte-americanos na Caxemira, dessa forma, os soviéticos buscaram uma aproximação para impedir o crescimento da influência dos EUA na região.

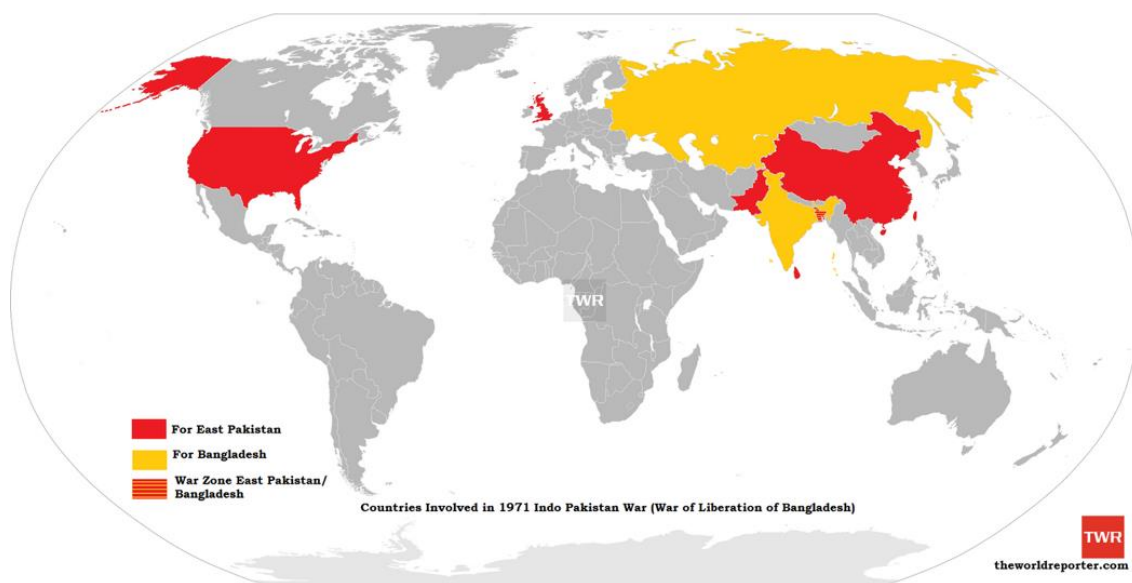
As relações indo-soviéticas chegaram no ápice em 1971 quando ambas as nações assinaram o Acordo de Amizade, Paz e Cooperação. (SAUTER, 2016), o acordo foi imprescindível para que ocorresse a independência de Bangladesh devido a estabilidade gerada no Paquistão Oriental.

Nos anos 1971-72, o Relatório Anual do Ministério das Relações Exteriores Indianas comenta sobre o tratado indo-soviético de 1971, o qual teria o aspecto importante de assegurar que, em caso de um ataque ou de uma ameaça, ambos deveriam entrar imediatamente em consulta mútua a fim de remover tal ameaça e propor medidas capazes para garantir a paz e a segurança de seus países. Nesse sentido, esse foi, em essência, um acordo de segurança bilateral. (SAUTER, 2016, p. 36).

Após esse período áureo, o relacionamento foi somente diminuindo, principalmente devido a degradação da URSS e conseqüentemente seu fim no final da década de 80.

Após forte apoio indiano, o Paquistão do Leste tornou-se independente em 1971. O apoio indiano foi estratégico e fundamental para diminuir o poder e influência paquistanesa na região. Para se ter noção do impacto desse fato, o Paquistão deixou de ser o país muçulmano mais populoso do mundo, ocupando hoje a terceira posição, atrás da Indonésia e de Bangladesh. A imagem a seguir mostra o posicionamento das nações envolvidas nesse processo,

Figura 7 – Países envolvidos na Guerra de Bangladesh



Fonte: The World Reporter

No período pós-segunda guerra, a Índia começou o desenvolvimento do arsenal nuclear, sendo sua primeira bomba, testada na década de 70, justamente período em que ocorriam a independência de Bangladesh. Segundo Nehru, primeiro-ministro indiano em 1946,

As long as the world is constituted as it is, every country will have to devise and use the latest devices for its protection. I have no doubt India will develop her scientific researches and I hope Indian scientists will use the atomic force for constructive purposes. But if India is threatened, she will inevitably try to defend herself by all means at her disposal". (NEHRU, 1946).

Nesse âmbito, o projeto de desenvolvimento de armas nucleares pelo Paquistão pode ser visto como uma resposta a esse processo. Devido a esses dois fatores o Paquistão passou a ser favorável ao desenvolvimento da bomba. Segundo o ex-primeiro ministro paquistanês Zulfikar Ali Bhutto em 1948,

If India builds the bomb, we will eat grass and leaves for a thousand years, even go hungry, but we will get one of our own. The Christians have the bomb, the Jews have the bomb and now the Hindus have the bomb. Why not the Muslims too have the bomb?" (BHUTTO, 1948).

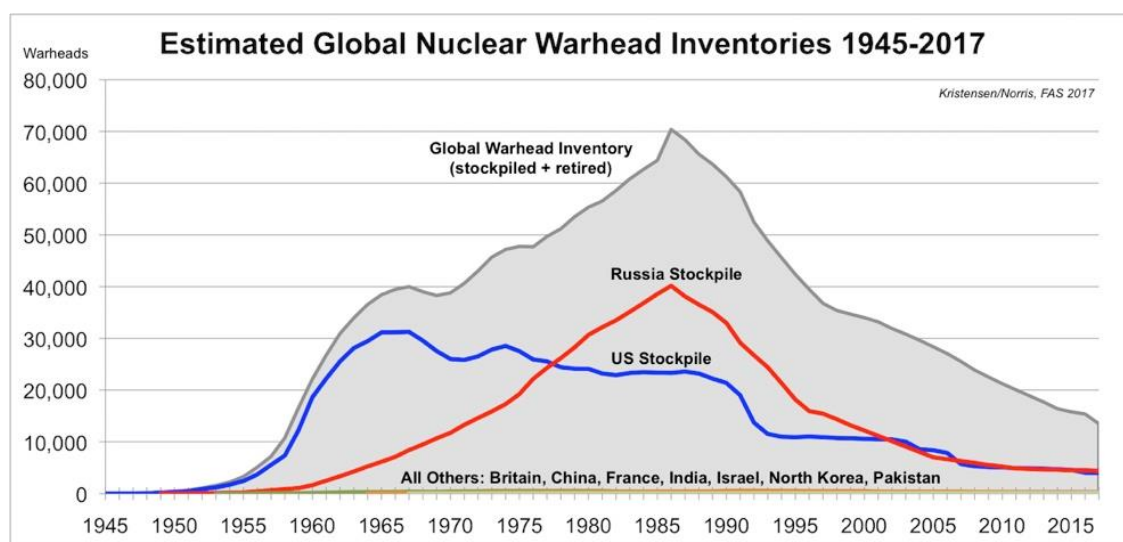
Dessa maneira, ambos os países desenvolveram seus arsenais nucleares. Em meio a esse processo todo, o âmbito internacional e principalmente as grandes potências,

procuravam controlar e coibir o aumento do armamento nuclear, principalmente pela corrida criada durante a Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética. Assim foi criado na década de 60, o Tratado de Não-Proliferação de armas Nucleares ou TNP.

2.6 Índia e Paquistão frente ao Tratado de Não-Proliferação Nuclear

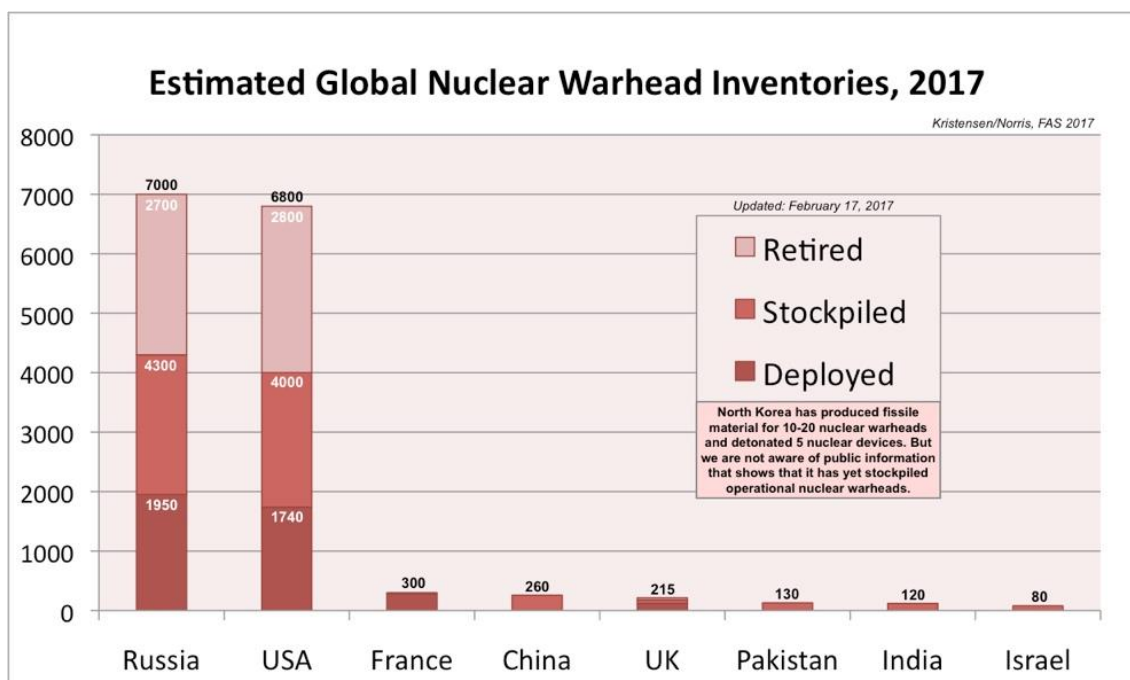
Esse tratado é essencial para entendermos a maneira hodierna tanto da Índia quanto do Paquistão se posicionam no âmbito internacional. O Tratado de Não-Proliferação de Nuclear ou TNP foi aberto para assinatura das nações em 1968, possuía o objetivo de prevenir o grande aumento de armas nucleares, com intuito de criar a cooperação para desarmar as nações. Atualmente, um total de 191 países assinaram o tratado, incluindo seis Estados que possuem armas nucleares: Rússia, EUA, Canadá, França, o Reino Unido, Israel. Países não signatários que possuem bomba atômica: Índia, Paquistão e Coreia do Norte. As imagens a seguir demonstram a diminuição do arsenal nuclear por parte dos EUA e Rússia, mostrando a importância do tratado nesse sentido além de como estão os arsenais atualmente,

Gráfico 1 – Estimativa dos arsenais nucleares 1945-2017



Fonte: Federation of American Scientists

Gráfico 2 – Estimativa dos países com maior arsenal nuclear



Fonte: Fonte: Federation of American Scientists

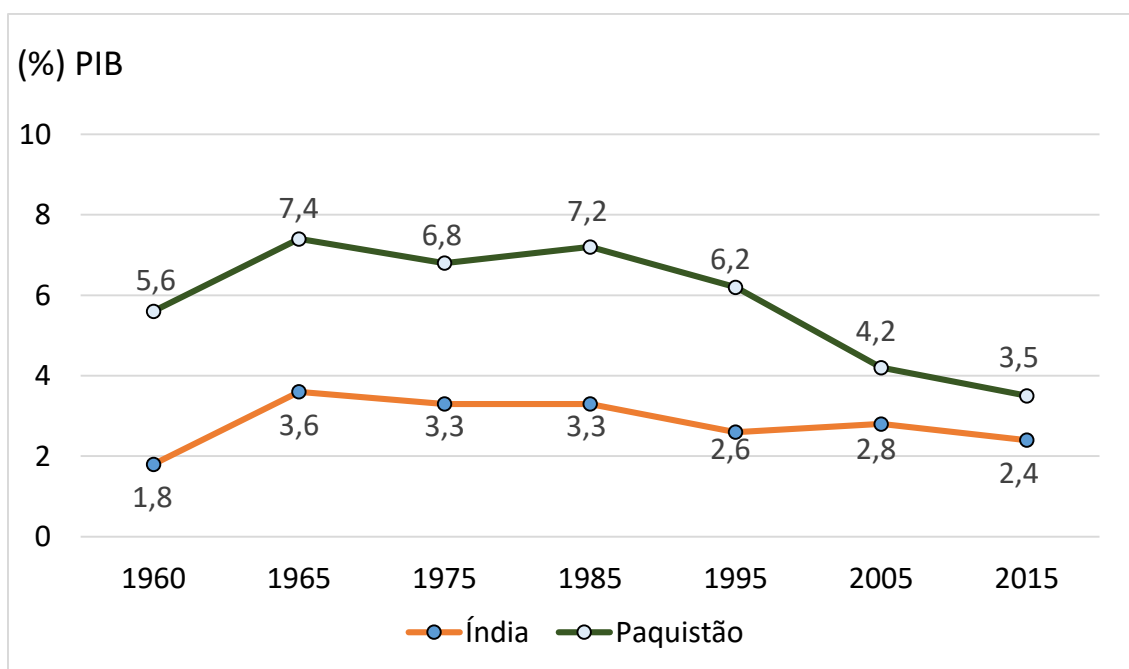
A crítica em relação a esse tratado, está justamente no fato dele possuir como ponto chave, a manutenção da desigualdade dos países, a partir do momento que se impede o desenvolvimento de armas nucleares. Foi por esse motivo que tanto a Índia quanto o Paquistão não assinaram o Tratado de Não-Proliferação Nuclear, mesmo depois de terem se tornado potências nucleares.

Por esse motivo ambos os países ao longo do tempo sofreram com sanções impostas pela ONU e da não assinatura do TNP. Segundo (Arantes, 2003), a Guerra do Iraque fez com que fosse criada uma necessidade por parte dos EUA em um apoio do Paquistão e esse fato minou a política de sanções. Além disso, foi um marco pois fez com que o Paquistão perdesse o posicionamento relativamente neutro em relação as grandes potências, nessa ocasião, o país foi contrário a guerra, mas sem criticar os EUA. Esse alinhamento entre as nações não ocorreu toda parte do tempo, durante a Guerra-Fria o Paquistão criou relações com a China. Outro marco para as relações internacionais paquistanesas foi o atentado de 11 de setembro. Esse fato fez com que houvesse uma aproximação novamente entre o Paquistão com os EUA e afastando do Afeganistão que era dominado pelo Talibã.

Apesar de possuir uma forte aliança, existe três aspectos que o Paquistão não cede: manutenção do cerne da política externa, questão da Caxemira e as medidas de defesa e por fim, o desenvolvimento de mísseis e armas nucleares. Para os EUA e o cenário internacional, o Paquistão é um ponto chave pois é uma nação instável, em que caso ocorresse um governo islâmico com atitudes militantes, o país se tornaria um Estado muçulmano extremista e radical armado nuclearmente.

Do ponto de vista indiano, o fato de ter se tornado um player mundial ocorreu justamente pelo fato econômico e em relação a defesa nacional decorrente da guerra do conflito com a Caxemira e influência de atores externos na região. Esse fato todo fez com que a defesa nacional fosse prioridade no governo indiano e teve como consequência o desenvolvimento do programa nuclear indiano e da não assinatura do TNP. Como pode ser visto na imagem atual, uma comparação entre o investimento do PIB entre Índia e Paquistão,

Gráfico 3 – Gastos com defesa (% do PIB)



Fonte: World Bank Data

É interessante observar como tanto o investimento indiano quanto o paquistanês caminham relativamente juntos e que quando um aumenta, o outro diminui. No período

pós-guerra fria, o interesse norte-americano na Índia foi ampliado. Sunil (2011), justamente por ser considerado uma antítese chinesa, sendo a maior democracia do mundo, de um diálogo mais fácil e passível de ser persuadido. Durante a era Bush filho, o ex-presidente norte-americano chegou a dizer que a política dos EUA: “ajudar a Índia a tornar-se uma grande potência no século XXI”, pensando é claro em um alinhamento com os EUA. Isso mudou um pouco com o Obama, pois ele tinha uma política mais voltada para acordos específicos. O ex-presidente Barack Obama confessou em uma conversa informal ao autor George Clooney sobre o que tira seu sono à noite e seu medo em relação ao Paquistão,

I talked with the president at one of those fundraisers some months back, and I asked him, "What keeps you up at night?" And he said, "Everything. Everything that gets to my desk is a critical mass. If it gets to my desk, then no one else could have handled it." So I said, "So what's the one that keeps you up at night?" He goes, "There are quite a few." So I go, "What's the one? Period." And he says, "Pakistan." I get that: There's the question of whether Zardari's government is actually in control, or whether the military is. And how close the Taliban, or Al Qaeda, or whoever else is to having their hands on real weapons of mass destruction. It's the closest government there is to allowing those weapons to either be used or sold to places that we really wouldn't like to have those weapons. That's a concern for all of us. It's interesting to see the world through world leaders' eyes. I've met with a few over the years. And I have to say, I wouldn't want the responsibility that those people have. I like having singular focus on singular issues. (CLOONEY, 2011)

Esse é o principal medo em geral quanto ao Paquistão, por ser uma nação com forte influência do Talibã e instável com armamento nuclear. As relações da Índia com os EUA tomaram outros caminhos principalmente devido a diminuição da influência da ex-URSS no continente indiano e atualmente possui desdobramentos interessantes, principalmente após polêmica caçada e morte Osama Bin Laden, em 2011, que foi encontrado em território paquistanês, fato esse que ocorreu graças a negligência do governo Paquistanês, segundo os EUA.

No próximo capítulo será feita uma análise do contexto histórico com o intuito de aplicar as teorias apresentadas no estudo de casos.

3 AS RELAÇÕES BILATERIAS ENTRE ÍNDIA-PAQUISTÃO SOB O ENFOQUE DA SEGURANÇA: CONTEXTO ATUAL E PERSPECTIVAS FUTURAS

Nesse capítulo será feita uma análise teórica do contexto histórico além de serem apresentadas novas perspectivas como a herança colonial no período pós colonialismo britânico, questão armamentista, período atual das relações indo-paquistanesas e perspectivas futuras.

3.1 Análise pós-colonial da independência indiana e das heranças do colonialismo britânico

3.1.1 Independência do subcontinente indiano

Como pôde ser visto nos capítulos anteriores, é nítida a influência do eurocentrismo na partilha e formação do subcontinente indiano, assim como o ocorrido na partilha da África. Essa visão surgiu desde antes do imperialismo britânico e pode ser encontrada até nos dias atuais.

A grande importância do exército indiano retratada no presente trabalho, principalmente na primeira e segunda guerra mundiais pouco são lidas e estudadas pelo “ocidente” fazem total sentido com a visão pós-colonial, especialmente de Barwaki (2006) de que a história das relações internacionais tem a necessidade de serem revistas. Dessa maneira, a história e a visão com que o mundo é visto, principalmente por nós, ocidentais, têm que ser revistas, para que não ocorra choques “inesperados”.

No contexto indiano, a divisão por exemplo do território do Punjab gerou uma série de mortes e perseguições como as descritas. Não é à toa que durante o período em que o subcontinente não esteve sob domínio e imposições europeias, durante o Império Mughal, vivia-se em relativa paz e harmonia. Isso sem contar nos períodos anteriores a esse império. Vale ressaltar que os primeiros registros de uma civilização naquele território datam de XXXI a.C.

Outro exemplo citado é justamente o fato de não ter ocorrido o auxílio necessário para a solução da questão da Caxemira, assim como o ocorrido em relação a Palestina (questão que permanece até nos dias atuais). Dessa maneira, criou-se uma rivalidade, na cabeça dos indianos e paquistaneses existente e prejudicial ao relacionamento dos dois países até dos dias de hoje, assim como segundo Said (1995), a divisão ocidente e oriente não passa de um mito. Com a análise do contexto histórico, é perfeitamente perceptível a função que a “doutrinação europeia” favorece os interesses deles mesmos, ignorando qualquer outro ponto de vista.

Essas ideias eurocêntricas possuem sempre uma justificativa “plausível” e que segundo os próprios pós-colonialistas, é resguardado pela academia, que ignora visões diferentes de determinados acontecimentos, possuindo uma visão deturpada do que te fato são as relações internacionais. A partir de um olhar hodierno, talvez fosse mais interessante, se a Liga Muçulmana paquistanesa tivesse se tornado talvez um partido dentro de uma grande nação indiana, assim como atualmente está ocorrendo com a As FARC na Colômbia.

É por se opor a esses “preconceitos” apontados pelos pós-coloniais que figuras como Mahatma Gandhi são destaques. Principalmente pela maneira com que essa “luta” foi feita, a partir do sofrimento visto e vivido na África do Sul e transformado em um movimento de desobediência civil, desconstruindo o conceito criado pelos europeus e reproduzido no imaginário dos indianos, de que o oriente deve ser submisso ao ocidente “desenvolvido”. Desse modo, Gandhi mostrou as grandes potências que a Índia e seu povo não era fraca e impotente, mas que na verdade os fracos eram os ingleses sem a exploração desenfreada do povo indiano e de suas riquezas.

A perseguição feita com Gandhi demonstrou o medo, antes inexistente, de perder a Índia como colônia e conseqüentemente toda sua riqueza e foi justamente pelo medo de perder essa influência, que a divisão foi pensada.

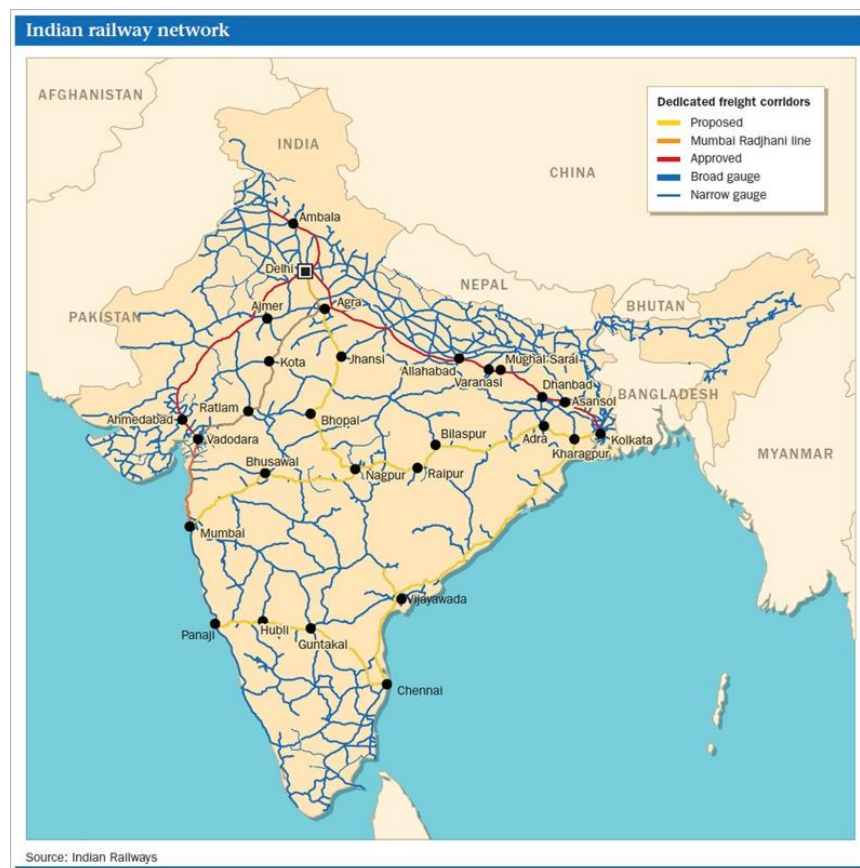
Atualmente, não é dada a importância necessária a essa rivalidade, justamente pela “miopia” ocidental, assim como ocorreu durante a partilha do subcontinente indiano. Esse fato pode se tornar algo pior até do que foi a partilha, por isso se faz necessário uma revisão das relações internacionais.

3.1.2 Herança colonial

Além dos fatos citados, principalmente após partilha e “criação dessa rivalidade”, destaca-se também as heranças do período colonial. A Índia e o Paquistão herdaram da época do Imperialismo Britânico, uma grande malha ferroviária, não é à toa que a Índia por exemplo, país possui a 4ª malha ferroviária mais extensa do mundo. Segundo Shashi Tharoor (2017), autor do livro *Inglorious Empire: What The British Did To India*, ao ser questionado sobre os benefícios do colonialismo britânico sobre a Índia afirmou que os britânicos deixaram algumas coisas que não tinham a intenção de deixar para benefício dos indianos, mas uma vez que foram abandonados, foram transformados pelos indianos para benefício próprio. Um exemplo é justamente a malha ferroviária, que foi criada para extrair recursos da colônia indiana, mas que hoje foi transformada em maior parte para transporte de pessoas. Ou seja, na visão míope dos europeus, a malha foi algo positivo do imperialismo, deixado para os indianos e paquistaneses, entretanto, nota-se na visão dos colonizados, elas foram abandonadas e quem as transformou em algo benéfico foi a própria população.

A malha ferroviária indiana é importantíssima não só para questões de transporte populacional, mas principalmente para o escoamento da produção e consequentemente exportação indiana. O Globo (2015): estima-se que cerca de 23 milhões de pessoas e 2,65 milhões de toneladas de mercadorias circulem diariamente na malha ferroviária. As ferrovias fazem principalmente a ligação entre os principais portos indianos com as indústrias. Os principais portos são: o Mumbai Port e Nhava Sheva, ambos localizados em Mumbai, região com maior circulação de capital no território indiano. É também considerada como sistema, o maior empregador único do país, em que são empregados cerca de 1,3 milhões de pessoas. Sendo assim, é essencial para que a nação indiana consiga manter o ritmo de crescimento atual de 7,1% do PIB em 2016. Abaixo segue uma imagem da malha ferroviária Índia,

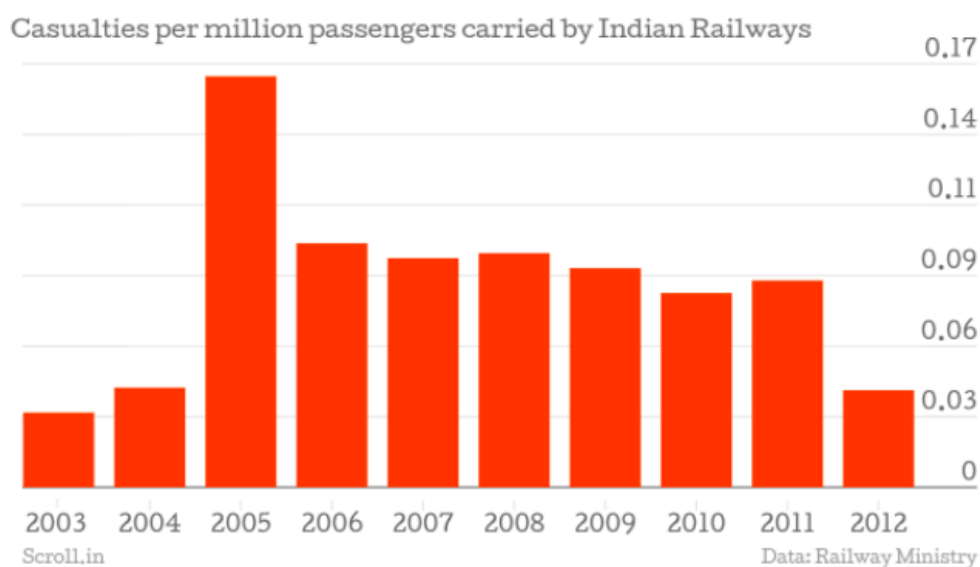
Figura 8 – Malha Ferroviária Indiana



Fonte: Indian Railways

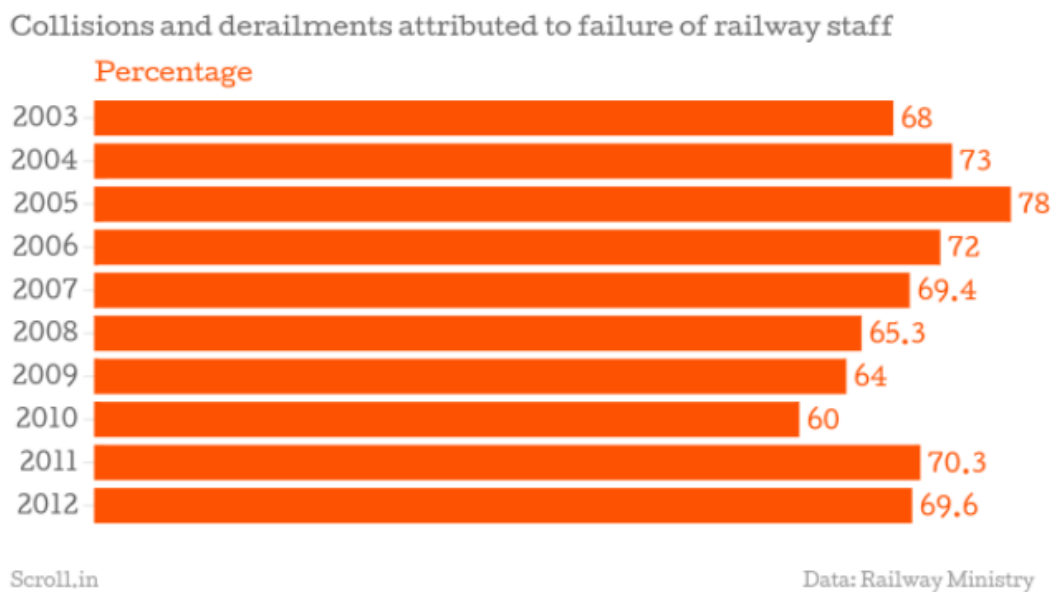
Entretanto, apesar dessa importância e desse legado, não foi feito os investimentos necessários para a manutenção de um sistema que é tão complexo e hodiernamente é saturado. Os gráficos a seguir demonstram o fato justamente citado da falta de manutenção, principalmente pois descarrilamento normalmente é causado por uma falha no sistema ferroviário.

Gráfico 4 – Casualidades por milhões de passageiros



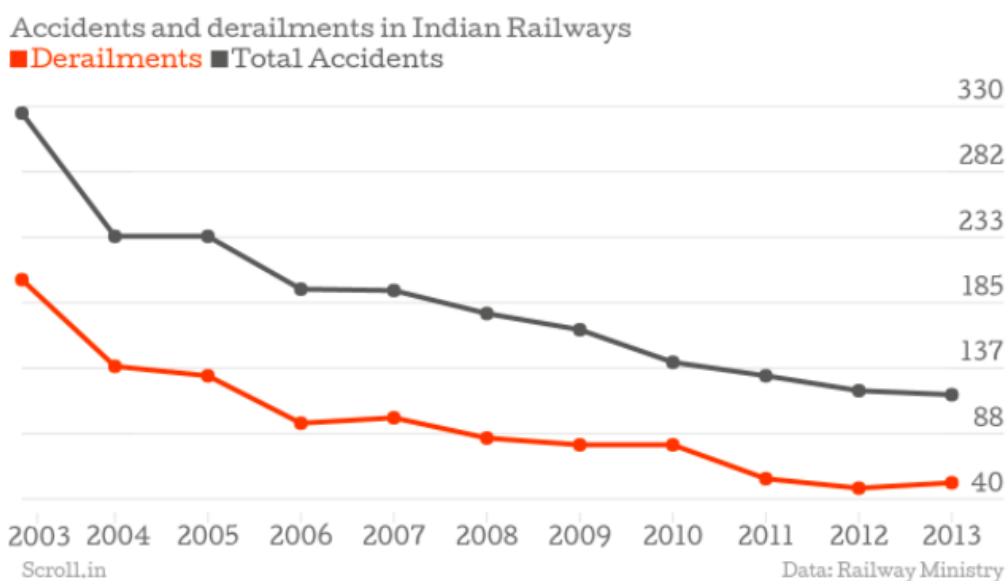
Fonte: Railway Ministry

Gráfico 5 – Colisões e descarrilamentos decorrentes de falha dos funcionários



Fonte: Railway Ministry

Gráfico 6 – Acidentes e descarrilamentos na malha ferroviária indiana



Fonte: Railway Ministry

Os dados presentes nos gráficos são muito preocupantes, entretanto, observa-se uma diminuição em relação a quantidade de acidentes e descarrilamentos de 2003 até 2013. Além disso a causa desses acidentes, são em sua maioria os próprios funcionários da empresa férrea indiana.

É principalmente devido a essa falta de infraestrutura toda que, O Globo (2015), o governo indiano anunciou em 2015 que investiria 137 bilhões de dólares na modernização das ferrovias nos próximos 5 anos (2020). A dificuldade está no fato da população não ter poder aquisitivo para aguentar um aumento das passagens, por isso na época foi anunciado que não aconteceria um acréscimo de preço e também pela questão da quantidade de funcionários que trabalham para o sistema ferroviário indiano. Foi feita a promessa que nessa modernização não está ligada a privatização.

Por outro lado, o Paquistão possui os mesmos problemas indianos, o fato de não ser tão rico, impossibilita grandes investimentos. Dessa maneira, o país buscou uma cooperação com a China, no que ficou conhecido como China Pakistan Corridor (CPEC). Esse acordo tem como objetivo a ampliação (ligação com a China), reforma malha ferroviária paquistanesa e criação de usinas com o intuito de resolver o problema energético vivido no país.

Dawn (2016) o acordo, assinado em 2014 pelo Paquistão, China e Qatar gira, atualmente em torno de U\$ 62 bilhões. Tanto para a Índia quanto para o Paquistão, a malha ferroviária pode ser considerada uma relíquia do passado colonial que precisa ser melhor aproveitada.

A visão de Shashi Tharoor (2017) corrobora bastante com os ideais do pós-colonialismo, apesar do autor defender um ressarcimento por parte da Inglaterra de 3 trilhões de dólares, o que não resolveria o problema, mais importante é justamente o reconhecimento moral, e que a Grã-Bretanha deveria reconhecer e pedir desculpas pelo dano causado a colônia indiana. O autor cita um exemplo claro de que em Londres por exemplo existem estátuas que homenageiam animais que participaram na Segunda Guerra Mundial, mas nenhuma menção da participação indiana, que como foi visto no presente trabalho, foi crucial para a vitória em ambas as guerras mundiais. É nesse sentido que o pós-colonialismo defende justamente uma revisão das relações internacionais, que considere outras versões do mesmo caso.

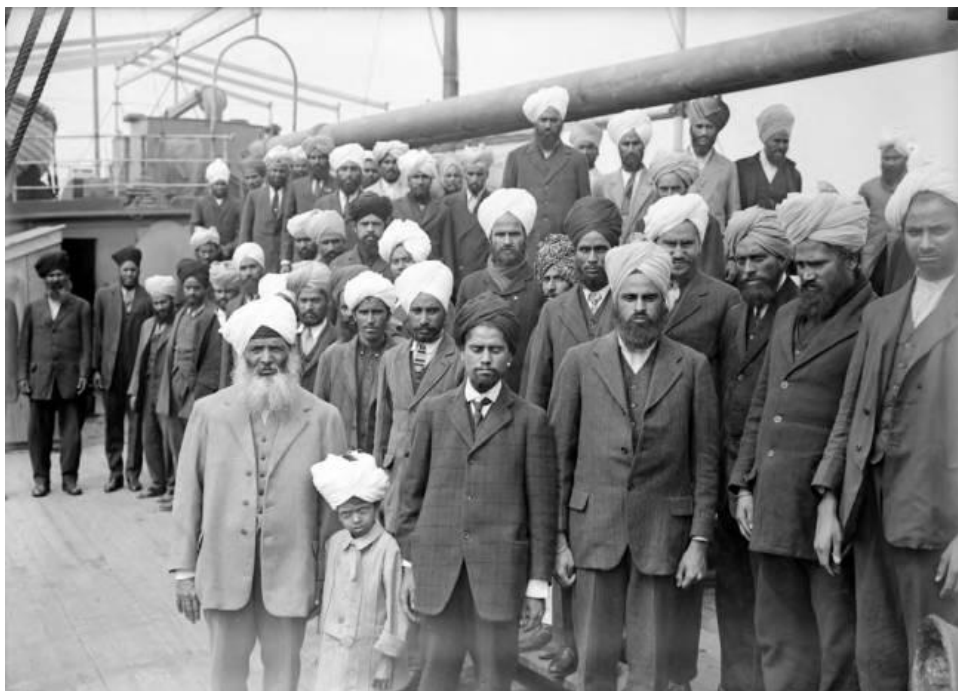
Um exemplo de uma revisão sendo feita e que é defendida pelos pós-coloniais está na entrevista de Shashi Tharoor (2017) no fato do Primeiro-Ministro do Canadá pedir desculpas formalmente em 2016 pelo caso Komagata Maru.

O Komagata Maru foi um barco com 376 imigrantes indianos que estava indo em 1914 em direção a um porto canadense em Vancouver. Dentre esses 370, 340 eram sikhs, 12 hindus e 24 muçulmanos. Somente 24 foram autorizados a desembarcar em território canadense. Os outros 352 não foram aceitos e tiveram que voltar ao território indiano e posteriormente foram perseguidos e alguns foram mortos pela coroa britânica.

As a nation, we should never forget the prejudice suffered by the Sikh community at the hands of the Canadian government of the day. We should not and we will not. That is why, next month, on May 18th, I will stand in the House of Commons and offer a full apology for the Komagata Maru incident [...] The passengers of the Komagata Maru, like millions of immigrants to Canada since, were seeking refuge, and better lives for their families. With so much to contribute to their new home, they chose Canada and we failed them utterly. (TRUDEAU, 2016).

Vale ressaltar que o Canadá possui quatro ministros Sikhs, incluindo o Ministro da Defesa. Segue abaixo uma imagem dos passageiros da embarcação na época,

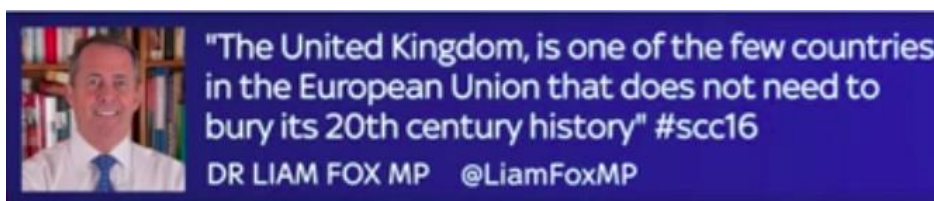
Figura 9 – Imagem dos passageiros do Komagata Maru (1914)



Fonte: Komagata Maru Journey

Esse é um caso claro de revisão histórica proposta pelos pós-coloniais, o principal problema para ocorrer mais casos como esses é justamente o eurocentrismo e a miopia ocidental em enxergar erros passados cometidos por eles, esse fato atrapalha e muito a reforma proposta pelos pós-coloniais. Uma prova disso é esse tweet citado na entrevista de Shashi Taroor (2017) do político britânico Liam Fox,

Figura 10 – Tweet Liam Fox



Fonte: Sky News

É triste observar que até hodiernamente e entre políticos, o quanto essa miopia está enraizada nos ocidentais.

3.2 Análise realista da rivalidade indo-paquistanesa durante e pós-guerra fria sob o enfoque da segurança

A partir da visão realista, primeiramente, a Inglaterra possuía interesses justamente de segurança e sobrevivência no sistema internacional. Dessa forma, fez a partilha do continente indiano buscando, justamente a manutenção de sua soberania, antes exercida na forma de colonizador. Dessa maneira, é ressaltada mais uma vez a característica de racionalidade dada pelo realismo as nações, principalmente no que tange no fato de que tudo gira em torno de poder no sistema internacional.

A questão da caxemira surge justamente pelo interesse de ambas nações recém-formadas em não perder a influência sob um território que acreditavam possuir poder, dessa maneira, perder aquele território, significaria diminuição de poder na região, fato esse que denota fraqueza diante do vizinho, exaltando o medo de uma invasão e consequentemente retomada do território paquistanês pelos indianos.

A Guerra-Fria começa no período justamente de bipolarização do sistema internacional. Por esse motivo, EUA e URSS buscaram sempre ampliar suas zonas de influências, ou seja, poder com o objetivo de tornarem-se dessa forma, o *hegemon*. Para que tal fato fosse possível, foi criada por parte da URSS, uma aliança com a Índia e por parte dos EUA com Paquistão. Por estarem sob a influência da antiga União Soviética, a pressão internacional sobre o fato foi de certa forma comedida. Assim como esse fato também ocorreu com o desenvolvimento desse tipo de armamento pelo Paquistão. Nesse contexto, segundo Morgenthau, o desenvolvimento nuclear é essencial para alcançar o poder,

Tomemos, finalmente, a questão contemporânea da guerra nuclear. De tempos em tempos, os policy makers norte-americanos falam abertamente em “predominar” em uma guerra nuclear. Ao agirem desse modo, eles espelham comentários feitos por chefes militares russos – embora não por líderes políticos soviéticos, como Brezhnev, que em diversas oportunidades anteciparam que uma guerra termonuclear representaria um suicídio para ambas as superpotências. (MORGENTHAU, 2003, p. 37, 2011).

O desenvolvimento de armas nucleares pelo Paquistão pode ser visto como uma resposta ao indiano, justamente para, como define Mearsheimer (2001), se reconfigurar

um novo equilíbrio de poder. Para o entendimento desse fato, vale ressaltar um trecho dito por Morgenthau,

A disponibilidade de armas nucleares impõe, por outro lado, a necessidade de diferenciar entre poder utilizável e poder não utilizável. Constitui um dos paradoxos da era nuclear o fato de que, em contraste com a experiência de toda a história pré-nuclear, um aumento de poder militar não conduz hoje necessariamente à ampliação do poder político. A ameaça do uso de violência nuclear com todo vigor implica a ameaça de destruição total. Como tal, ainda pode constituir um instrumento adequado de política exterior, se dirigido a uma nação incapaz de responder na mesma moeda. A nação dotada de armas nucleares pode afirmar o seu poder sobre a outra nação, dizendo: “Ou você faz o que eu digo, ou eu a destruirei com armas nucleares”. Será bem diferente a situação, caso a nação ameaçada possa responder: “Se você me destruir com armas nucleares, você também será aniquilada”. E, nesse ponto, as ameaças mútuas se cancelarão uma à outra. (MORGENTHAU, 2003, p. 53).

Olhando sob essa ótica, a hipótese realista é justamente de que a paz na região, é alcançada justamente pelo medo da retaliação do rival, assim, o desenvolvimento das armas atômicas ajudaram a manutenção da paz na região. Dessa maneira, seria mais provável termos uma guerra direta entre a Índia e Paquistão, assim como entre os EUA e a URSS durante a Guerra Fria sem a existência das armas nucleares.

É interessante observar justamente o interesse mútuo na cooperação indo-soviética quando americano-paquistanesa, tanto no cenário internacional, quanto em um cenário regional, ambos buscam poder através dos ganhos relativos, assim como nos dias atuais, uma tentativa norte-americana de aumentar sua influência sobre os indianos, fortalecendo a cooperação entre as nações.

O apoio soviético a nação indiana facilitou a Índia no que tange o apoio a independência de Bangladesh com o intuito de diminuição do território e poder paquistanês, e que juntamente com o desenvolvimento da bomba atômica, se reafirmou a Índia como um importante player no cenário internacional. O Paquistão por sua vez, desenvolveu seu armamento nuclear, para reequilibrar a balança de poder na região, ou seja, segundo Waltz (1979), para simplesmente sobreviver no sistema internacional.

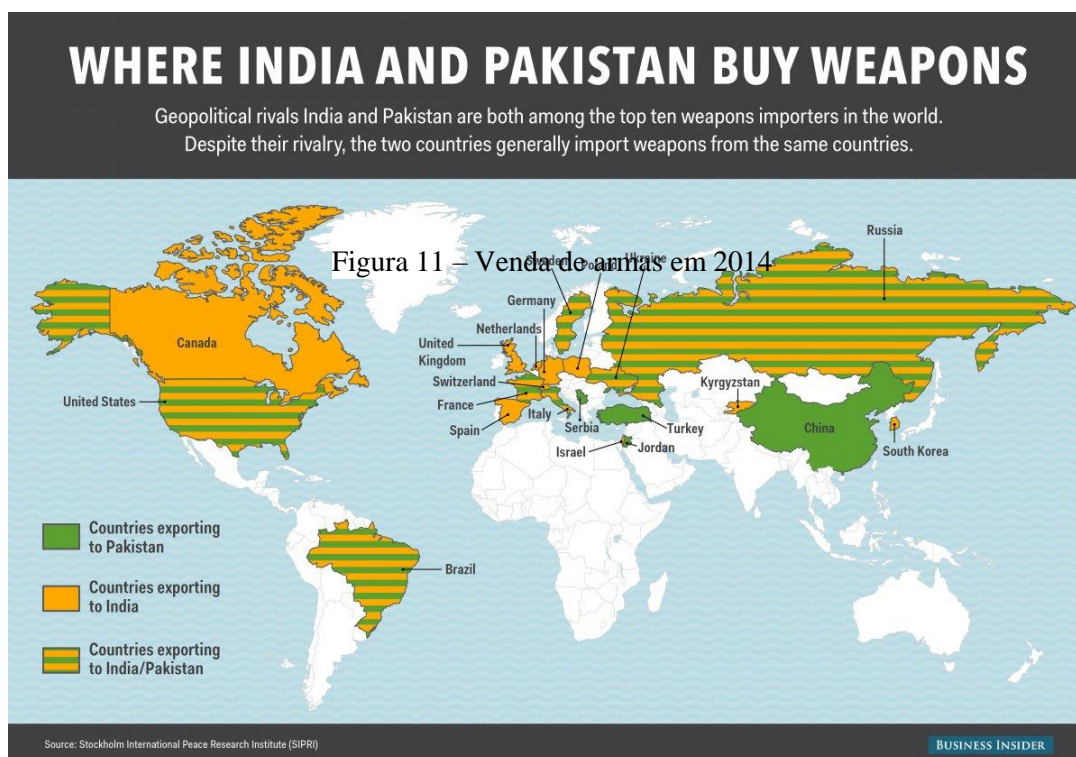
A não assinatura do TNP pelos países citados, entre eles Índia e Paquistão encaixa perfeitamente na noção de que as nações jamais se submetem a nenhum tipo de norma

estatal, pois dessa forma, ocorreria uma diminuição de sua soberania e conseqüentemente do poder, essa fato demonstra (segundo a visão realista) a ínfima importância das instituições internacionais no cenário internacional e que mesmo apesar da pressão exercida pelo mundo como um todo, prevaleceu a soberania de ambos países nos dois casos, assim, Índia e Paquistão atuaram da melhor maneira para defender seus interesses na região, principalmente no que tange a segurança e sobrevivência.

Seguindo a visão realista de Morgenthau (2003), o fato de tanto a Índia quanto o Paquistão serem atualmente uma potência está ligada ao fato de possuírem ou grande população ou riquezas (poderio militar) para alcançar o poder. No caso indiano, as duas. A mesma visão pode ser aplicada no caso da Coreia do Norte, em que foi possível o desenvolvimento de armas nucleares graças a forte influência chinesa na região, assim como foi possível pela Índia e pelo Paquistão graças ao apoio soviético e americano respectivamente.

Após o período da Guerra-Fria, verificou-se uma manutenção da influência norte-americana e russa na região, principalmente a partir da análise da compra de armas feita tanto pela Índia, quanto pelo Paquistão, o mapa abaixo demonstra quais países vendem armas para ambos países,

Figura 11 – Venda de armas em 2014



Fonte: Business Insider

Para os EUA, o Paquistão é um local estratégico militarmente falando, justamente pela proximidade do Afeganistão, dessa maneira, é através do Paquistão que o apoio norte-americano se dá as tropas localizadas no Afeganistão. Não é à toa que (Sputnik News, 2015) em 2015, os Estados Unidos fecharam uma venda de um total de 1 bilhão de dólares em armas para o Paquistão. Nesses valores estão incluídos mísseis, helicópteros, motores, sistemas de miras e outros equipamentos. Segundo os EUA,

Esta proposta de venda de helicópteros e sistemas bélicos dará ao Paquistão capacidade militar de apoio para suas manobras de contraterrorismo e contrainsurgência no sul da Ásia.

[...]

o negócio não vai alterar o equilíbrio militar básico na região e vai contribuir para a política externa e a segurança nacional dos Estados Unidos ao melhorar a segurança de um país vital para a política externa dos Estados Unidos e para os objetivos de segurança no sul da Ásia. (AGENCIA DE COOPERAÇÃO PARA DEFESA E SEGURANÇA, 2015)

Essa venda é totalmente racional para os EUA, além de agradarem o Paquistão, fortalecendo seus laços com o país, tenta diminuir a força do Talibã na região, e

principalmente, aumentam sua influência na região, dessa maneira, aumentando seus ganhos relativos.

Vale ressaltar como apontado no presente trabalho, da “falha” do realismo em justamente não conseguir explicar o surgimento desses grupos terroristas e forte influência desses grupos terroristas que conseguem fazer frente, mesmo que de sua maneira, as grandes potências, causando grande medo no cenário internacional.

Para a Rússia, assim como o Paquistão é para os EUA, a Índia é um importante território de influência. Atualmente a Rússia busca estreitar os laços, recuperando aquela aliança formada durante a Guerra-Fria, citada no presente trabalho como o Tratado Indo-soviético na década de 70. Para se ter noção, a Índia é o maior comprador de armas e a Rússia a maior fornecedora de armamento para os indianos.

Segundo India Today (2017) em 2016 foi assinado um acordo entre ambos países para a compra de mísseis antiaéreos balísticos chamados Triumph. Eles têm o poder de destruir aeronaves, mísseis de cruzeiro, incluindo os de médio alcance. O acordo gira em torno de 5 bilhões de dólares e ressalta mais uma vez essa parceria.

Percebe-se então que com o fim do império britânico a influência passou do império para EUA e URSS e atualmente para EUA e Rússia.

3.3 Relações indo-paquistanesas: período atual e perspectivas futuras

No começo do século XXI, as relações entre ambas as nações tiveram uma série de eventos que tiveram cunho positivo, principalmente em relação a uma resolução da questão da Caxemira. Uppsala University (2017) em janeiro de 2004, as nações anunciaram um encontro formal em Islamabad. Esse foi o primeiro diálogo formal entre as nações em 30 anos.

Entretanto, as conversas avançaram de maneira lenta, mas ainda sim positiva. Para se ter noção em 2005, decorrente ocorreu um terremoto na região da Caxemira e abriu-se alguns pontos da fronteira entre as nações para a população pudesse circular de

um lado para outro da fronteira. Esse aspecto que ambas nações podem dialogar e cooperarem para benefício mútuo.

Contudo, atualmente as relações entre os países estremeceu-se, principalmente devido a dois casos em que o governo indiano considera culpa do governo paquistanês. O primeiro foi o atentado em Mumbai em 2008 e de um homem bomba que atacou a embaixada indiana em Kabul.

A partir dos fatos apresentados, é interessante compreender como uma partilha feita de maneira não condizente com a realidade do território indiano desencadeou tais “problemas” que assolam o subcontinente e podendo criar um conflito que afetaria o sistema internacional como um todo. Nesse aspecto, é indissociável o eurocentrismo existente e suas consequências para esse processo.

Em 2016, o governo indiano vetou completamente uma tentativa de diálogo proposto pelo governo paquistanês.

O governo da Índia rejeita em sua totalidade as alegações interessadas (do Paquistão) sobre a situação em Jammu e Caxemira. (Esse estado) é uma parte integral da Índia sobre a qual o Paquistão não tem direitos”, informou a diplomacia indiana em resposta enviada ao governo paquistanês. (GOVERNO INDIANO, 2016).

No ano de 2017, em que a Índia e o Paquistão celebram o 70º “aniversário” de sua separação, as relações entre os países continua instável. Nesse aspecto, o intercâmbio entre os povos proposto pelos pós-colonialistas poderia ser um caminho para o atual estado entre as nações. Indianos, paquistaneses e africanos nesse sentido seria excelente para a partilha da mesma experiência histórica, amargura vingativa e revanchismo, pode-se através do diálogo, e intercâmbio de ideias, facilitado pela globalização e a tecnologia, alcançar uma solução que seja de ganho mútuo para os povos.

Nesse sentido que a teoria funcionalista de Mitrany poderia servir como exemplo para uma solução do conflito. A partir do momento em que indianos e paquistaneses para conversarem e cooperarem em questões estritamente técnicas menores, e em caso de êxito, ramificarem em outras áreas, processo chamado pelo autor de spillover, o exemplo da questão do terremoto na Caxemira é interessante pois já é uma prova de que as nações

conseguem cooperar quando existe a boa-vontade e o diálogo, fato esse essencial citado pela teoria funcionalista.

O que dificulta totalmente esse processo é justamente o fato dos dois países serem extremamente instáveis, sofrendo não só com problemas existentes entre si, mas em seus próprios territórios. Na própria Índia, a morte de Gandhi, Indira e Rajiv e no Paquistão a questão do terrorismo jihadista comprovam tal percepção. O fato que faz com que essas nações estejam unidas é justamente a cultura e religião enraizada na população. Para se ter noção, a Índia possui 16 línguas oficiais, além de dezenas de dialetos. Ou seja, diferentemente do Brasil, que o fato da língua ser padronizada favorecer esse processo, na Índia, cada estado praticamente fala uma língua diferente. Isso corrobora com o fator religião como união da nação. Sobre isso, Sultan Chaudry, primeiro-ministro da Azad Caxemira (região administrada pelo Paquistão) afirmou em entrevista que:

A situação em Caxemira controlada pela Índia tem piorado no último ano e está a piorar continuamente. As violações dos direitos humanos ali perpetradas dão uma imagem muito sombria de Caxemira. Seria uma excelente iniciativa se meios pacíficos como as chamadas medidas de promoção da segurança e da confiança fosse adotada, de forma a incrementar a comunicação entre famílias. Devemos encorajar e promover todos os esforços para a pacificação de Caxemira. (CHAUDRY, 2017).

É justamente por esse motivo que as grandes potências devem dar mais ênfase a esse conflito e sua complexidade para juntos, e em âmbito internacional encaminhar uma solução para tal, e para isso, mais uma vez, é necessária uma revisão dos conceitos previamente estabelecidos pelo cenário internacional a respeito desse caso e principalmente uma reformulação da Missão de Paz da ONU na Caxemira, que pouco colaborou para o diálogo entre as nações.

O fato da Missão de Paz da ONU na Caxemira não ser tão atuante e não haver interesse das grandes potências em resolver o conflito na região, está completamente ligada ao interesse de EUA e Rússia. Dessa maneira, é mais interessante a manutenção da rivalidade criada pela Inglaterra, para manter e até ampliar a venda de armas para a região, sempre é claro de maneira controlada por ambas as nações, vale ressaltar também o lucro das outras nações em relação. Por isso, é tão difícil e complicada uma solução para a região.

Além dos fatos citados, a Índia está inserida na globalização por meio da terceirização em Tecnologias de Informação e Comunicação ou “TICs”. Isso foi facilitado, principalmente pelo fato do inglês ser considerado uma língua oficial tanto na Índia quanto no Paquistão. Dessa maneira, é possível que essa seja a mais importante herança do imperialismo britânico para a expansão de ambas nações no século XXI.

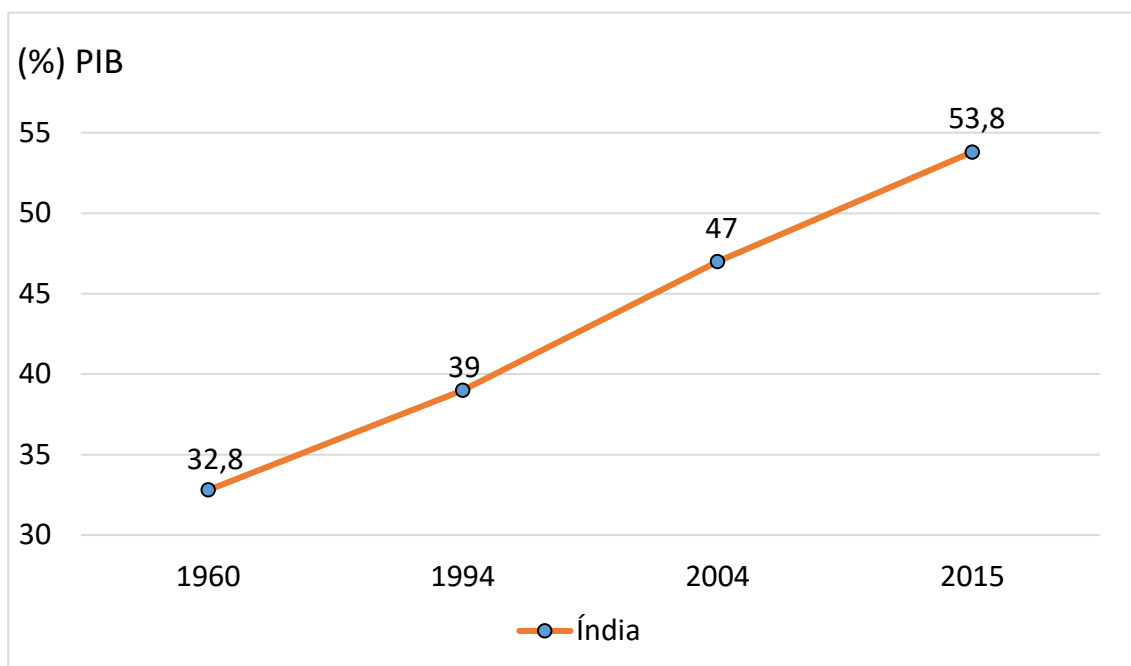
No setor tecnológico ocorre o investimento direto estrangeiro, e é capaz de gerar 25% das exportações indianas.

Esse setor tecnológico é altamente internacionalizado: cerca de 75% de suas receitas são geradas pelas exportações e é capaz de absorver 44% dos investimentos estrangeiros diretos que entram no país. Um setor que sozinho gera ao redor de 2,5 milhões de empregos diretos, representando 7% do PIB (GOI 2011; Panagaryia 2008 apud BANIK, 2014).

Dessa maneira, a rápida internacionalização, desenvolvimento de software com investimento e participação de multinacionais como a Microsoft por exemplo, é essencial para a criação de empregos. Para essas empresas, a Índia representa uma oportunidade alta rentabilidade, por possuir um grande mercado consumidor e fornecedor de mão-de-obra barata e qualificada.

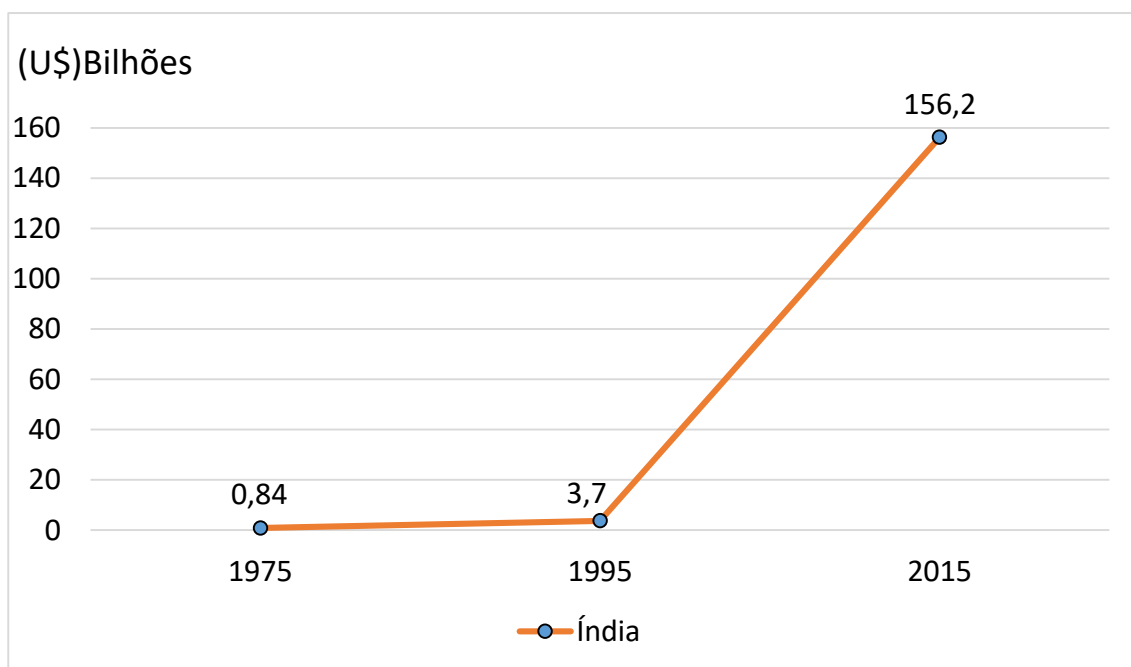
Os gráficos abaixo demonstram a importância e o crescimento do setor de serviços para o PIB indiano,

Gráfico 7 – Setor de serviços Índia (% do PIB)



Fonte: World Bank Data

Gráfico 8 – Valor da exportação de serviços da Índia (em bilhões de U\$)



Fonte: World Bank Data

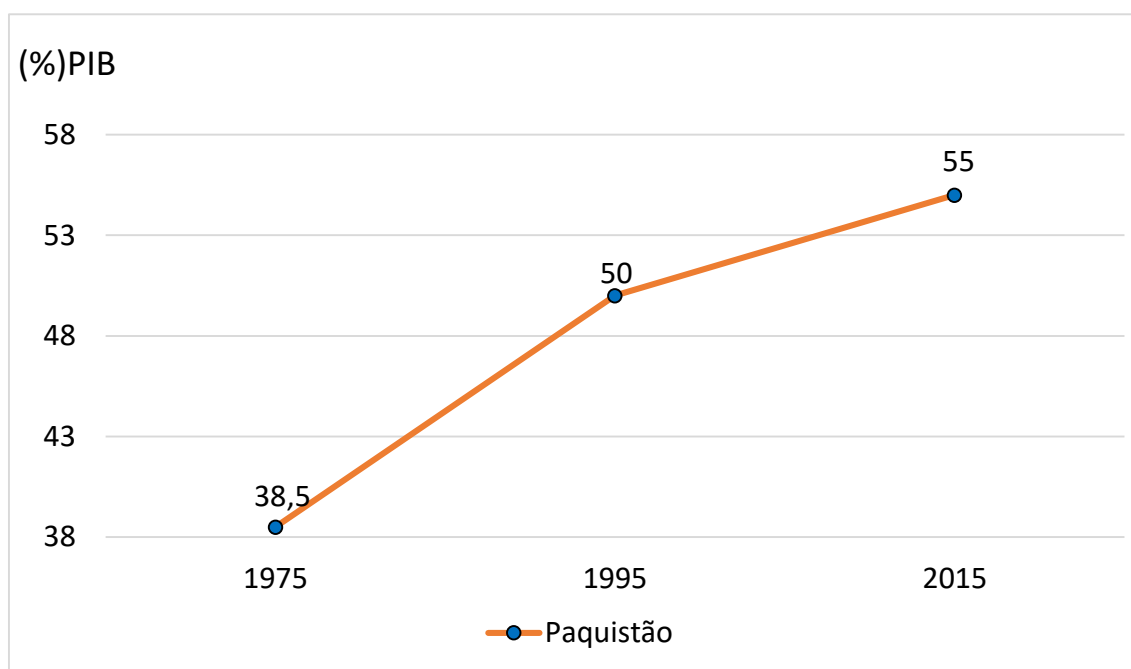
A partir da análise desse gráfico, é nítido o crescimento da importância do setor de serviços para o PIB indiano. Em 1960, o setor representava somente 32,8% do PIB.

No final da década de 90 ocorreu um boom de investimento estrangeiro impulsionado pelo setor de TICs, passando de 39% em 1994 para 47% em 2004. Em 2015, o setor de serviços representou cerca de 53,8% do PIB indiano. Ou seja, um crescimento de 21% em relação a década de 60. A seguir, um gráfico que representa o crescimento da exportação de serviços na economia indiano.

As exportações que representavam 840 milhões de dólares em 1975, passaram a representar 3,7 bilhões em 1995 e 23,9 bilhões em 2003. Em 2015 a exportação de serviços representou a entrada de 156,2 bilhões de dólares no território indiano. É impressionante o crescimento de 650% do valor em apenas 12 anos.

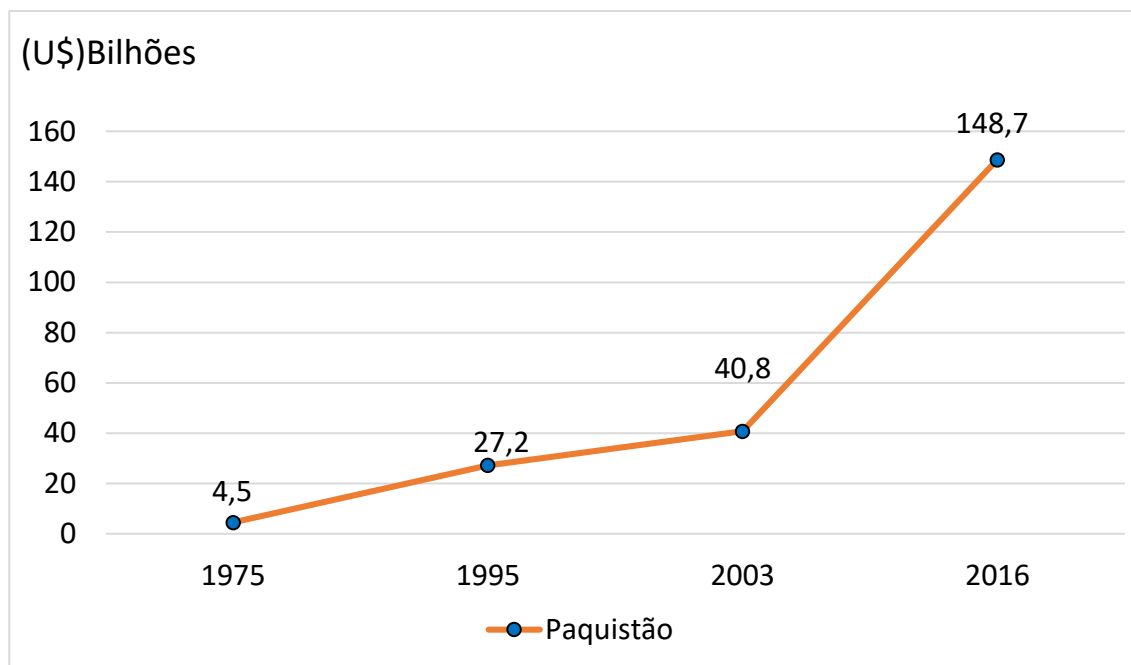
Da mesma maneira que a Índia investiu nesse processo, o Paquistão também se aproveitou da globalização e principalmente do fato do inglês ser também uma língua oficial e tanto investiu quanto recebeu investimento na área dos TICs. Os gráficos a seguir demonstram a importância e o crescimento do setor de serviços para o PIB paquistanês,

Gráfico 9 – Setor de serviços do Paquistão (% do PIB)



Fonte: World Bank Data

Gráfico 10 – Valor da exportação de serviços do Paquistão (U\$)



Fonte: World Bank Data

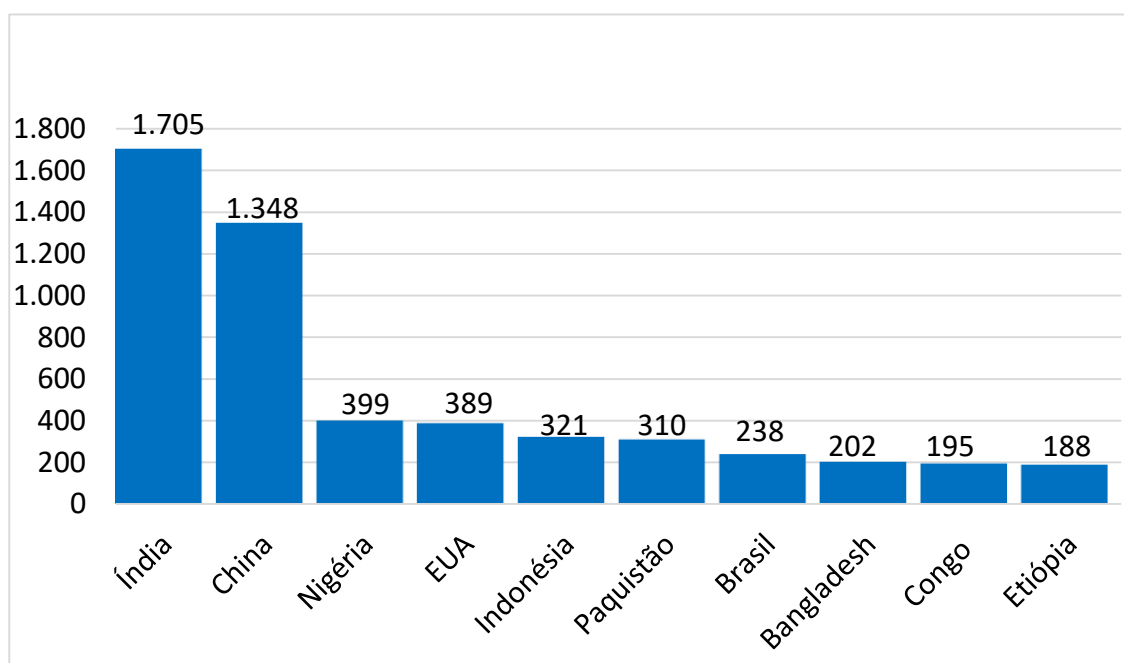
Como dito anteriormente, o gráfico paquistanês é muito parecido com o indiano. A porcentagem do setor de serviços em relação ao PIB representava 38,5% em 1975, passou para aproximadamente 50% em 1995 e por fim, 55% em 2015. Dessa forma, nota-se da mesma forma que no PIB indiano, um aumento e é nítida a importância desse setor na economia paquistanesa.

Já em relação ao crescimento do valor da exportação de serviços, nota-se também um aumento considerável do valor. Em 1975 representava 4,7 bilhões de dólares, em 1995 27,2 bilhões de dólares, 40,8 bilhões de dólares em 2003 e em 2016, representava 148,7 bilhões de dólares. Dessa forma, ocorreu um crescimento de 364% em 12 anos.

Com o grande investimento estrangeiro tanto na economia indiana quanto na economia paquistanesa, torna para essas empresas, a guerra entre a Índia e o Paquistão, algo impensável.

O problema é justamente que com o grande crescimento populacional tanto da Índia quanto do Paquistão pode tornar a questão ainda mais sensível para a segurança internacional. Folha de São Paulo (2015): projeções divulgadas pela ONU em um estudo feito em 2015 afirmam que em até 2022 a Índia se tornará o país mais populoso do mundo, o que pode complicar ainda mais a situação na região. Esse futuro pode alterar completamente a geopolítica internacional, para se ter noção, caso de confirme essa projeção, em 2050 mais de 60% da população mundial será asiática.

Gráfico 11 – Projeção da ONU em milhões de habitantes (2050)



Fonte: Folha de São Paulo

De acordo com essa projeção, a população mundial chegará em torno de 9 bilhões de pessoas em 2050. É interessante observar como o sistema internacional vai reagir ao grande crescimento das populações africanas também, o que pode favorecer economicamente o interesse de empresas multinacionais na mão-de-obra africana, sendo assim, mais vantajoso investir nesses países para os TICs por exemplo do que na Índia ou no Paquistão. Por isso qualquer reforma trabalhista que melhore o salário ou condições de vida dos trabalhadores que influenciem no valor pago na mão-de-obra deve ser maneira sensível pois pode trazer grandes consequências para a economia tanto da Índia quanto do Paquistão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente monografia, buscou-se contribuir academicamente com o assunto que é tão pouco divulgado e estudado pela academia brasileira. Buscou-se também inserir a experiência pessoal do autor sobre a nação indiana além das leituras acadêmicas com o intuito responder de maneira precisa o objetivo principal que é analisar a influência das relações entre Paquistão e Índia na segurança regional. Para que esse fato ocorresse, foi necessária uma apresentação do contexto histórico do continente desde antes da chegada dos europeus, até a Guerra fria com o intuito de um melhor entendimento da origem dessa rivalidade entre a Índia e o Paquistão.

Nesse caminho, tratou-se do imperialismo para entender o contexto da época e o relacionamento da colônia indiana com o colonizar, o Império Britânico. Além disso, é retratada importância de Gandhi nesse processo e o motivo pelo qual ele é tão exaltado, principalmente pelo seu diferenciado, movimento de desobediência civil. Derrubou-se o mito da associação errônea do movimento pacífico de Gandhi com a noção de que a independência do subcontinente indiano ocorreu de forma pacífica.

A participação indiana na primeira e segunda guerra mundial, foram importantíssimas e essenciais para a vitória dos aliados, além de terem sido o ponto chave para que as demandas feitas pela colônia indiana ganhassem mais força e legitimidade, e por não terem sido atendidas, resultaram na independência.

Entretanto, a partilha do subcontinente resultante da independência não ocorreu respeitando as etnias e conseqüentemente o desejo do povo do subcontinente indiano, considerando somente os interesse inglês e teve como resultado a criação de uma rivalidade indo-paquistanesa que teve causou uma das maiores migrações forçadas da história, além de ter sido crucial para o conflito da Caxemira e as reações de ambas nações durante a guerra-fria, como o posicionamento inicial de não-alinhamento e aproximação do Paquistão dos EUA e da Índia com a URSS. Nesse mesmo período, destaca-se a corrida nuclear, o acordo indo-soviético que gerou uma estabilidade na região, possibilitando a independência de Bangladesh que como resposta o desenvolvimento

nuclear paquistanês e consequente não assinatura do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares por ambas nações.

Para que a análise de todos esses acontecimentos fosse feita, o autor utilizou duas correntes teóricas, o realismo e o pós-colonialismo. O pós-colonialismo é interessante, principalmente com seus conceitos de eurocentrismo de Said (1995) e a necessidade de uma revisão histórica exaltada por Barkawi (2006). Esses conceitos são fundamentais para entendimento da importância de se buscar outras visões para o mesmo fato, que haja a compreensão da real situação ocorrida. Por isso é importante estudar a visão indo-paquistanesa sobre a independência e entender a maneira míope eurocêntrica que a partilha foi feita.

Além desse fato, os pós-coloniais demonstram como essa miopia fez com que os europeus se surpreendessem com o holocausto, sendo que este mesmo fato já ocorreu em vários locais, só que não no campo de visão eurocêntrico. Os pós-coloniais denunciam o fato das universidades embasarem as ações estatais, criticando principalmente o realismo como sendo um exemplo desse instrumento. É triste observar como o eurocentrismo ainda está enraizado nos europeus hodiernamente, como o não estudo da participação indiana na primeira e segunda guerra mundial e a forma com que as heranças coloniais são interpretadas pelos ingleses no caso indiano e paquistanês da malha ferroviária. Entretanto revisões históricas como a realizada pelo Canadá trazem esperança e exaltam a importância moral da história ser revista.

O realismo procura entender como os Estados agem e por qual motivo fazem isso, por isso é primordial para entendermos de que maneira essa rivalidade explicada pelo pós-colonialismo influenciou na segurança regional. A corrente teórica apresenta uma série de conceitos interessantes, como o de Morgenthau (2003), de que tudo gira em torno de poder. Dessa forma, é fácil o entendimento do motivo pelo qual a Inglaterra decidiu fazer a partilha da maneira que fez, além de seu envolvimento na questão da caxemira, buscando sempre ampliar seu poder e sua zona de influência, no caso da independência do subcontinente indiano, não perder seu poder na região. Já para os indianos e paquistaneses, a região da Caxemira representa um aumento de influência na região em relação ao seu vizinho, por esse motivo ambos entraram em conflito pelo território.

Esse mesmo conceito elucidada o posicionamento de EUA e URSS diante de Índia e Paquistão. Por um lado, os EUA buscavam ampliar seu poder para tornar-se o hegemon, assim como a URSS, vendo o poder americano crescer na região, aliou-se a Índia. Esses aspectos ocorrerem diante do conceito de ganhos relativos apresentado por Mearsheimer (2001), assim, a cooperação entre as nações existia com único intuito de ampliar os ganhos relativos, ou seja, de ganhar mais do que o seu “rival”, assim, as duas superpotências não buscavam ajudar Índia ou Paquistão, mas agir racionalmente para ampliar seu poder.

O realismo ressalta o fato do sistema internacional ser anárquico, ou seja, a soberania estatal está acima de qualquer instituição internacional, fatos comprovados com a não assinatura do Tratado de Não-Proliferação de Armas nucleares pela Índia e pelo Paquistão e a não eficácia da Operação de Paz da ONU na região.

Entretanto, a corrida armamentista na região é fruto de um equilíbrio de poder explicado do Waltz (1979) em um sistema internacional anárquico em que os países buscam a sobrevivência. Dessa maneira, o Paquistão desenvolveu seu armamento nuclear com o intuito de reequilibrar o poder na região para ampliar seu poder e consequentemente sobreviver no sistema internacional. Além disso, na visão realista, o medo gerado pela presença da bomba na região contribuiu para a paz, o desequilíbrio por outro lado que geraria a guerra.

Hodiernamente, a influência norte-americana e russa se dá tanto na Índia quanto no Paquistão através da venda de armas, fato esse que amplia a discussão do real interesse das nações em solucionar o conflito. Dessa forma, é interessante para as nações à manutenção do conflito de maneira controlada para que continue a venda de armas.

As relações indo-paquistanesas passam por momentos difíceis, entretanto, a cooperação existente em 2005 com a abertura das fronteiras na região da Caxemira, demonstra que o diálogo é possível, por isso o funcionalismo de Mitrany (1948), apesar de ser considerado por muitos utópico, pode ser considerado como uma forma de se pensar em uma solução para essa rivalidade.

A Indústria de TI recebe alto investimento interno e estrangeiro e interno e é essencial para as duas nações, em que o setor de serviços representa mais de 50% do PIB. Dessa forma, ao contrário da Indústria de Armas, pode contribuir para que se evite uma guerra, e até se resolva esse conflito, justamente pelo grande interesse econômico desse setor.

O fator mais preocupante para essa solução é instabilidade de ambas as nações e as projeções feitas pela ONU do aumento da população na região. Por esse motivo, é de tamanha relevância a solução dessa situação.

Com a ajuda das correntes teóricas, o arcabouço contextual, e artigos acadêmicos e pesquisa a respeito do assunto foi possível alcançar a conclusão do entendimento das relações, assim como a influência delas na segurança regional, ampliando a percepção sobre real complexidade desse fato tanto interna quanto externamente e a capacidade de refletir uma possível perspectiva futura.

Para finalizar, deixo-os com uma frase de Mahatma Gandhi: “Se queremos progredir, não devemos repetir a história, mas fazer uma história nova”.

REFERÊNCIAS

ANUNCIACÃO, Arthur. O Conflito da Caxemira: uma luta identitária e a perpetuação de um risco internacional. Coimbra, 2013. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/24771/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Arthur_Anuncia%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em outubro de 2016.

ARANTES, JUNIOR, Abelardo. O Paquistão e as estratégias ocidentais para a Ásia Meridional. **Rev. bras. polít. int.**, Brasília, v. 46, n. 1, p. 182-207, June 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292003000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 12 Ago. 2016.

ASHRAF, Malik. **Unending Indian hostility**. Outubro, 2016. Disponível em: <<http://dailytimes.com.pk/opinion/07-Oct-16/unending-indian-hostility>> Acesso em agosto de 2017.

BABAYA, Priyanka; BHATTI, Sumeet. **A Study of What Led to the Insurgency in Kashmir Valley & Proposed Future Solutions**. California, 2015. Disponível em: <<https://web.stanford.edu/class/e297a/Kashmir%20Conflict%20-%20A%20Study%20of%20What%20Led%20to%20the%20Insurgency%20in%20Kashmir%20Valley.pdf>> Acesso em setembro de 2016

BARKAWI, Tarak; LAFFEY, Mark. The postcolonial moment in security studies. **Review of Internacional**. V. 32; n. 2; p. 329-352, 2006. Disponível em: https://fsi.stanford.edu/sites/default/files/The_Postcolonial_Moment_in_Security_Studies.pdf. Acesso em setembro de 2017.

BANIK, Arindan; PADOVANI, Fernando. Índia em transformação: o novo crescimento econômico e as perspectivas pós-crisis. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 22, n. 50, p. 67-93, June 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782014000200006&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Sept. 2017.

BARBOSA, Muryatan. Eurocentrismo e História: problemas e alternativas. **A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas**, Ouro Preto, 2008. Disponível em: <http://www.seminariodehistoria.ufop.br/seminariodehistoria2008/t/mury.pdf>. Acesso em setembro de 2017.

BBC. **Why the Indian soldiers of WW1 were forgotten**, 2015. <Disponível em: <http://www.bbc.com/news/magazine-33317368>> Acesso em setembro de 2016

BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. **Como Exportar: Índia**. Brasília, 2012.
Khan, Yasmin. **Has India's contribution to WW2 been ignored?**. Índia, 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-asia-india-33105898>>. Acesso em setembro 2017.

CAETANO, Tiago. Mein Kampf e o ideário nazista. **Consilium - Revista Eletrônica de Direito**, Brasília n.4, v.1 maio/ago. de 2010. Disponível em: <http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/consilium_04_01.pdf> Acesso

em setembro de 2017.

CAMPONESE, Philip. **The Saliency of Pakistan's Nuclear Weapons**, 2016. Disponível em: < <http://www.claws.in/1529/the-saliency-of-pakistans-nuclear-weapons-1t-gen-philip-campose.html>>. Acesso em agosto de 2017

CASTRO, Thales. **Teoria das Relações Internacionais**. Brasília, 2012. Disponível em <http://funag.gov.br/loja/download/931-Teoria_das_Relacoes_Internacionais.pdf>. Acesso em setembro de 2017.

CHAUDHURY, Dipanjan. **Canada PM Justin Trudeau to offer formal apology to India over historic Komagata Maru incident**, 2016. Disponível em: < Disponível em: <<http://economictimes.indiatimes.com/news/politics-and-nation/canada-pm-justin-trudeau-to-offer-formal-apology-to-india-over-historic-komagata-maru-incident/articleshow/51807599.cms>> Acesso em setembro de 2017

DAWN. **With a new Chinese loan, CPEC is now worth \$51.5bn**, 2016. Disponível em: <<https://www.dawn.com/news/1287040>> Acesso em setembro de 2017

EVANGELISTA, Ana Carolina Pires. **Pespectivas sobre a “sociedade civil global” no estudo das Relações Internacionais**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas (PUC-SP, UNESP e UNICAMP), São Paulo, 2006.

ELÍBIO, Antonio; ALMEIDA, Carolina. Epistemologias do Sul: Pós-colonialismos e os estudos das Relações Internacionais. **Cadernos do Tempo Presente**, n. 14, out./dez. 2013, p. 05-11. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo/article/viewFile/2684/2317>

ELÍBIO, Antonio; ALMEIDA, Carolina. Edward Said e o Pós-Colonialismo. **Saeculum – Revista de História**, n. 29, jul/dez. 2013, p. 451-462. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/viewFile/19833/10968>> Acesso em outubro de 2016

ESTADÃO. **Paquistão está fazendo progressos com reformas econômicas, diz FMI**, 2014. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,paquistao-esta-fazendo-progressos-com-reformas-economicas-diz-fmi,184414e>> Acesso em outubro de 2016.

FERREIRA, Fernanda; PIMENTA, Leandro; PAULA, Mayara. África de ontem, África de hoje, resquícios de permanência?. **Revista de História Contemporânea**, n. 2, mai-out, 2008. Disponível em: < <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n2/pdf/africa3.pdf>> Acesso em outubro de 2016

FERREIRA, Leonídio. **Situação em Caxemira tem piorado no último ano**, 2017. Disponível em < <https://www.dn.pt/mundo/interior/situacao-em-caxemira-tem-piorado-no-ultimo-ano-8502614.html>> Acesso em setembro de 2017.

FLOM, Hernán. Índia, Brasil y Sudáfrica: El impacto de las nuevas potencias regionales. **Revista SAAP**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, v. 3, n. 4, p. 727-730, dic. 2009

. Disponível em <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-19702009000200006&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 26 oct. 2016.

GANDHI, Mohandas. **Letter to Hitler**. Wardha, 1939. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/culture/interactive/2013/oct/12/mohandas-gandhi-adolf-hitler-letter>> Acesso em agosto de 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO, 2015. **Índia deve se tornar o país mais populoso do mundo em 2022, diz ONU**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/07/1661945-india-deve-se-tornar-o-pais-mais-populoso-do-mundo-em-2022-diz-onu.shtml>> Acesso em setembro de 2017

HOBBSBAWN, Eric. **A Era dos Impérios**. São Paulo: Paz e terra, 2002.

INDIA TODAY, 2017. **Russia to supply S-400 missile system to India: Why Pakistan, China should worry**. Disponível em: <<http://indiatoday.intoday.in/story/russia-to-supply-s-400-missile-system-to-india-modi-putin/1/969057.html>> Acesso em setembro de 2017.

KHILNANI, Sunil. **A Índia e o grande jogo do poder. Relações Internacionais**, Lisboa, n. 29, p. 115-128, mar. 2011. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992011000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 out. 2016.

KOMAGATA MARU JOURNEY. **Komagata Maru: continuing de journey**. Disponível em: <<http://komagatamarujourney.ca/intro>>. Acesso em setembro de 2017

LEADBEATER, Tim. Britain and India 1845-1947. **Hodder Education**, London, 2008.

LEITE, Alexandre César Cunha. Conhecer para aproximar: um retrato contíguo da Índia e uma lente de aumento na relação Brasil - Índia sob o signo da cooperação sul-sul. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 17, n. 38, p. 304-312, Apr. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222015000100304&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Oct. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-017003841>.

MEARSHEIMER, John. **The Tragedy of Great Politics**, New York and London: W W Norton & Company, p. 29-54, 2001.

MELLO, Josefina; GUERREIRO, Mário Antônio. Da desobediência civil à independência da Índia: Uma breve análise do percurso político de Gandhi, **Revista UNIB** São Paulo, v. 5, p.17, jan/jun. 2013. Available from http://www.revistaunib.com.br/vol5/DA_DESOBEDIENCIA_CIVIL_A_INDEPENDENCIA_DA_INDIA_UMA_BREVE_ANALISE_DO_PERCURSO_POLITICO_DE_GANDHI.pdf

MITRANY, David. The Functional Approach to World. **International Affairs** (Royal Institute of International Affairs 1944-), V.24, n. p. 350-363, jul. 1948. Disponível em: http://www.lsu.edu/faculty/lray2/teaching/7971_1s2009/mitrany1948.pdf

MORGENTHAU, Hans. **Política entre nas Nações**. Brasília, 2003. Disponível em: http://funag.gov.br/loja/download/0179_politica_entre_as_nacoes.pdf. Acesso em setembro 2017

NEHRU, Jawaharlal. **A glory has departed**. Delhi, 1948. Disponível em: <https://scroll.in/article/802710/a-glory-has-departed-nehru-forgotten-speech-on-gandhis-assassination>>. Acesso em agosto de 2017

O GLOBO. **Índia anuncia investimento de US\$ 137 bilhões para modernizar ferrovias**, 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/india-anuncia-investimento-de-us-137-bilhoes-para-modernizar-ferrovias-15447168#ixzz4u4uaF2eM>> Acesso em agosto de 2017

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS. **United Nations Military Observer Group in India and Pakistan (UNMOGIP), 2017**. Disponível em: <http://www.un.org/en/peacekeeping/missions/unmogip>. Acesso em setembro 2017

PINTO, Paulo Antônio Pereira. China e Índia: emergência e impacto cultural. **Rev. bras. polít. int.**, Brasília, v. 50, n. 1, p. 86-101, June 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292007000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 Aug. 2016.

RELLO, Fernando. La economía india desde su independencia: Perturbación colonial persistente. **Prob. Des**, México, v. 46, n. 180, p. 178-180, marzo 2015. Disponível em http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S03017036201500100010&ng=es&nrm=iso>. Acesso em 26 oct. 2016.

SAUTER, Betina. As relações bilaterais indo-soviético-russas. **Revista Acadêmica de Relações Internacionais da ESPM-Sul** - v.3, n.1 (Jan-Jun) 2016. Disponível em : novasfronteiras.espm.br/index.php/RNF/article/download/70/57

SPUTNIKS NEWS. **EUA fecham venda de US\$ 1 bilhão em armas ao Paquistão**, 2015. Disponível em <https://br.sputniknews.com/defesa/20150408694812/>> Acesso em setembro de 2017.

STUENKEL, Oliver. Hajari, Nisid Midnight's Furies: The Deadly Legacy of India's Partition. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 36, n. 71, p. 227-229, Apr. 2016. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882016000100227&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Oct. 2016. Epub Mar 28, 2016.

TANABI, Karin. **Clooney on Obama and Pakistan**, 2011. Disponível em: <http://www.politico.com/blogs/click/2011/12/george-clooney-on-obama-and-pakistan-108064>> Acesso em setembro de 2017.

TERRA, 2016. **Índia rejeita proposta de diálogo com Paquistão sobre situação da Caxemira**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/asia/india-rejeita-proposta-de-dialogo-com-paquistao-sobre-situacao-da->

caxemira,5f0dd0b3dfe17a3b7f0100bf4bcea078a6ack5fn.html> Acesso em setembro de 2017

Tharoor, Shashi. **Debate of Britain's Colonial legacy and the impact on society today**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O-VK2sDZCQw>> Acesso em setembro de 2017

UPPSALA UNIVERSITY. **Government of India-Government of Pakistan**, 2017. Disponível em: <<http://ucdp.uu.se/#conflict/218> > Acesso em setembro de 2017

VAZQUEZ VELA, María Fernanda. ¿India o Pakistán?espacios divididos. **Acta poét**, México , v. 33, n. 2, p. 223-226, dic. 2012 . Disponible en <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-30822012000200015&lng=es&nrm=iso>. accedido en 26 oct. 2016.

WALTZ, Kenneth. **Theory of Internacional Politics**. Berkley, 1979.

WORLD BANK DATA. **Indicators, 2017**. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator>> Acesso em setembro de 2017

XAVIER, Wlamir Gonçalves. Lições da Índia: um caminho replicável?. **RAE electron.**, São Paulo , v. 9, n. 2, Dec. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167656482010000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 Oct. 2016.